

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-  
GRADUAÇÃO DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA PROGRAMA  
INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

O DISCURSO DOS HOMICÍDIOS COM SUSPEITA DE MOTIVAÇÃO HOMOFÓBICA  
VEICULADOS NOS JORNAIS NO ESTADO DO AMAZONAS.

Bolsista: Isaac Guidão Toscano - Órgão Financiador: FAPEAM

MANAUS -2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-  
GRADUAÇÃO DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA PROGRAMA  
INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

O DISCURSO DOS HOMICÍDIOS COM SUSPEITA DE MOTIVAÇÃO HOMOFÓBICA  
VEICULADOS NOS JORNAIS NO ESTADO DO AMAZONAS.

RELATÓRIO FINAL PIB – SA – 0032/2013

Bolsista: Isaac Guidão Toscano - Órgão Financiador: FAPEAM

Orientadora: Dra. Lucilene Ferreira de Melo

Colaborador: Profº. Msc. Jeffeson William Pereira

MANAUS -2014

Todos os direitos deste relatório são reservados à Universidade Federal do Amazonas, a Fundação de Apoio a Pesquisa no Estado do Amazonas - FAPEAM, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e aos seus autores. Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa está sendo financiada pela Fundação de Apoio a Pesquisa no Estado do Amazonas - FAPEAM através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal do Amazonas, vem sendo desenvolvida Gestão social, Direitos Humanos e Sustentabilidade na Amazônia com o bolsista Isaac Guidão Toscano PIB-SA/ 0032/2013) sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lucilene Ferreira de Melo do Departamento de Serviço Social – DSS.

## RESUMO

Objetiva-se analisar o discurso de homicídios com suspeita de motivação homofóbica a pessoas não heterossexuais no Estado do Amazonas, este intento desdobra-se nos seguintes objetivos específicos: identificar os homicídios noticiados em fontes hemerográficas; verificar o modo que tais homicídios são enunciados e traçar o perfil das vítimas. Em termos metodológicos a pesquisa classifica-se como quali quantitativo constituindo-se de fontes: os Relatórios de Violência Homofóbica tanto do Grupo Gay da Bahia (GGB) de 2010 a 2012, quanto da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) de 2011 e 2012, outra importante fonte são os dados hemerográficos do jornal impresso e virtual A Crítica e do jornal *on line* D24 hora. O referencial teórico sustenta-se na análise do discurso em uma perspectiva foucaultiana e no acúmulo da Teoria *Queer* a partir da discussão dos conceitos de homofobia, e de dispositivo imersos nas relações de saber-poder. A pesquisa evidenciou o impacto na produção de regimes de verdade das sexualidades distintas da heterossexual; um número crescente de crimes de 2010 a 2012, totalizando cerca de 23 homicídios que em sua maioria são demonstrativos do *modus operandi* de um típico crime ódio caracterizado por atos violentos de empalhamento, decapitação e expurgo das genitálias e do rosto. O perfil das vítimas está evidenciado por meio de gráficos a partir dos demarcadores de sexo, faixa etária, classificação quanto à sexualidade, ocupação profissional e sua relação com o suspeito do crime. Por fim, constatou-se que o quadro de violência perpetrado às pessoas de orientação não heterossexual se articula por meio de atos físicos e simbólicos que reiteram estigmas, preconceitos e discriminações difundidos nos discursos jornalísticos.

**Palavras chave:** Homicídio, Homofobia e Saber-Poder.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
2.1. O enunciado em Foucault e os meandros das relações de saber-poder no discurso midiático.....	8
2.2. A homofobia e a discussão do padrão heteronormativo.....	10
2.3. A violência homofóbica no Brasil e no Amazonas.....	12
3. DESCRIÇÃO METODOLÓGICA .....	14
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	
4.1. Os homicídios com suspeita de motivação homofóbica noticiados em fontes hemerográficas no Amazonas.....	16
4.2. O modo de enunciação dos homicídios com suspeita de motivação homofóbica.....	21
4.3. O perfil das vítimas a partir das fontes hemerográficas.....	54
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
6. REFERÊNCIAS.....	60

## INTRODUÇÃO

As pessoas não heterossexuais ao longo de séculos vivenciaram e vivenciam a condição de subalternidade as quais foram postas, em que se constitui um padrão ideal de relacionamentos afetivo-sexuais. Padrão que se configurou no ocidente por meio do cristianismo, herdeiro da tradição judaica, que transformará a heterossexualidade no único comportamento suscetível de ser qualificado como natural e, por conseguinte, como normal (BORRILLO, 2010). A sexualidade torna-se um dispositivo de vigilância dos corpos que precisam estar moldado, envolvidos, domesticados em um conjunto definido, esquadrihado de ser sujeito.

Dessa forma, não foi o bastante determinar um tipo de sexualidade “natural e normal”, mais do que isso era necessário colocar num grau de inferioridade e abominação as que não eram passíveis de serem englobadas nesse padrão. Fato que contraria a concepção de estudiosos e até os mais leigos na área quando se compreende as sexualidades e práticas sexuais segundo Prado (2012), enquanto construções sociais intrinsecamente relacionadas com múltiplas dimensões simbólicas estruturais de determinada sociedade. Então, sendo construções sociais nunca são naturais, normais e engessadas são resultantes de relações de poder que se difundem na sociedade por meio de forças políticas, econômicas e culturais em que a resistência é fator incondicional.

Nesta esteira partimos do conceito de sexualidade sobre o prisma das ciências sociais que entre diferentes posições de embates e concordâncias tomamos a que se considera mais aproximada no que tange o reconhecimento de sua construção histórica em determinada espaço.

O valor diferencial atribuído a sexualidade deve considerar que está não é sinônimo de atividade sexual. O primeiro termo refere-se à construção histórica, na modernidade, de uma dimensão interna aos sujeitos, profundamente imbricada num modelo particular de construção da pessoa, no qual interiorização e individualização são traços modeladores da subjetividade. Mais do que uma entidade universal, a sexualidade é um unidade ficcional, dependente de um determinado contexto cultural e historicamente instituída como um domínio portador de sentido em si mesmo (FOUCAULT, 1977; VANCE, 1995; WEEKS, 1986 apud HEILBORN 1999, p.40).

Contudo, a forma de dominação e superioridade de uma única sexualidade (hetero), de único gênero, delimitados no ser masculino e feminino, encontrou no discurso enquanto

práticas discursivas um fundamental mecanismo de hegemonia. Como evidencia Butler (2008), o poder produz subjetividades, define identidades (homem e mulher) e cria categorias (gênero e sexualidade) de tal maneira que as categorias identitárias (corpo sexuado e identidade de gênero), fundamentos da teoria política, ao contrário de origem ou causa, são efeitos das instituições, práticas e, portanto, contingentes. Dessa maneira, entrelaçado ao saber canônico e ao científico, outro mecanismo solidificador de explicações das sexualidades não heterossexuais, é o discurso midiático que com sua miríade de tentáculos, reitera cotidianamente os pressupostos desses saberes e demais saberes doutrinários.

Sendo assim, o que se produz desse sistema de preconceitos, discriminação, subalternização das pessoas não heterossexuais que materializará num prática perversa, injusta e desigual será definida enquanto homofobia. O que Borrillo (2010) em uma de suas definições irá defender esta enquanto hostilidade geral, psicológica e social contra aquelas e aqueles que, sentem desejo, afeto ou têm práticas sexuais com indivíduos de seu próprio sexo. Forma específica do sexismo, a homofobia rejeita, igualmente, todos aqueles que não se conformam com o papel predeterminado para seu sexo biológico.

Este é um dos conceitos que será alicerce desta pesquisa enquanto o possível desencadeador dos homicídios aos não heterossexuais, considerando o aspecto fundamental mediador que é o discurso prática de saber-poder.

Assim, esta pesquisa se realizou a partir dos homicídios identificados nos relatórios anuais de 2010 à 2012 do Grupo Gay da Bahia - GGB e da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) de 2011 à 2012, a pessoas não heterossexuais no Amazonas, apresentados enquanto crimes homofóbicos, veiculados nos jornais. Partindo dessas fonte de pesquisa o objetivo desdobrou-se em analisar o discurso de homicídios com suspeita de motivação homofóbica a pessoas não heterossexuais no Estado do Amazonas, incluído somente na segunda versão da pesquisa “com suspeita de motivação homofóbica” pois se entendeu que por não haver critérios legais que definam o crime enquanto tal, seria tendenciosa a afirmação no título da pesquisa enquanto crime homofóbico ao passo que estes casos foram considerados homofobia de acordo com o relatórios de violência supracitados que apesar de sua suma importância não tem atestado legitimidade das legislações criminais brasileira.

Foram apontados pelos relatórios 24 homicídios em todo Estado, nos respectivos anos, desta maneira procurou-se assim identifica-los nos veículos de comunicação os quais teriam

noticiado os crimes. Sendo assim, enquanto critério de inclusão dos dados foi selecionado apenas duas fontes de pesquisa: o jornal impresso online *a Crítica e o portal d24am*, por serem considerados de fácil acesso, de ampla propagação, e por tratarem desse tipo de crime com mais detalhes e além de que um dos casos só foi encontrado em uma das fontes. Para alcance do objetivo geral desta pesquisa, buscou-se a partir de três específicos quais sejam: o primeiro a identificação dos 24 casos expostos pelos relatórios (GGB/ SDH, 2010 a 2012) nas fontes hemerográficas selecionadas; o segundo, a verificação do enunciado sobre estes crimes, desenvolvendo uma análise acerca do discurso produzido sobre esses homicídios. E por último, o terceiro objetivo que substitui a primeira proposta da pesquisa que era examinar as mudanças e permanências discursivas das vítimas, homicidas e das circunstâncias do crime o que percebeu-se inviável uma vez que os dados da pesquisa não possibilitavam referida análise, sendo redirecionou-se o terceiro objetivo específico em traçar o perfil dessas vítimas em seus aspectos geracionais por meio da ilustração de gráficos a partir dos demarcadores de sexo, faixa etária, classificação quanto à sexualidade, ocupação profissional e sua relação com o suspeito do crime.

A metodologia desenvolvida foi de cunho quali-quantitativo, os quais privilegiaram nossa análise ao identificar tanto o quantitativo dos homicídios a pessoas não heterossexuais no triênio proposto quanto os argumentos discursivos que balizaram a interpretação desses veículos de informação referente ao crime a este segmento. Tem enquanto suporte metodológico organizado por Fischer (2012), sob direcionamento ancorado na perspectiva de análise das relações de saber-poder presente nos discursos veiculados nos jornais num aporte teórico foucaultiano.

## **2.1. O ENUNCIADO EM FOUCAULT E OS MEANDROS DAS RELAÇÕES DE SABER-PODER NO DISCURSO MUDIÁTICO.**

O enunciado é conceituado por Foucault (1986, p. 133) como uma função caracterizada por quatro elementos básicos: um referente (ou seja, um princípio de diferenciação), um sujeito (no sentido de “posição” a ser ocupada), um campo associado (isto é, coexistir com outros enunciados) e uma materialidade específica – por tratar de coisas efetivamente ditas, escritas, gravadas em algum tipo de material, passíveis de repetição ou reprodução, ativadas através de técnicas, práticas e relações sociais.



Ao descrever os enunciados estamos individualizando destinada formação discursiva, assim afirma Foucault (1986, p. 135) “a análise do enunciado e da formação discursiva são estabelecidas correlativamente, porque a lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma única e mesma prática”, logo formação discursiva é definida como:

[...] um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que organize tal ou qual estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática (FOUCAULT, 1986, p. 82).

A partir desta definição o filósofo nos coloca o desafio da delimitação do que vem se constituir por formação discursiva, estaria no âmbito de uma disciplina, de determinado campo científico ou configurar-se-ia em posicionamento ético sobre determinado assunto. A esse respeito Maingueneau (1993, p. 124) assevera que a formação discursiva deve ser vista, antes de qualquer coisa, como o “princípio de dispersão e de repartição” dos enunciados. Ou seja, ela funciona como uma matriz de sentido em que os falantes se reconhecem, porque as significações ali lhes parecem óbvias, “naturais”.

Exercer uma prática discursiva significa falar segundo determinadas regras e expor as relações que se dão dentro do discurso. Desta feita o conceito de prática discursiva vincula-se diretamente a um conjunto de regras “[...] anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 1986, p. 136).

Um conceito analisado por Fischer (2012) é a heterogeneidade discursiva princípio atrelado ao de multiplicação dos sujeitos, a autora refere-se à dispersão dos enunciados que devem ser analisados a partir da criação de unidades dessa dispersão, demonstrando como os enunciados aparecem e se distribuem no interior de determinado conjunto. Neste sentido a autora tece a seguinte assertiva: “Está em jogo nessa pluridiscursividade do social a luta pela imposição de sentido, a luta entre vários discursos, na conquista de novos sujeitos”, ou seja, o sujeito do discurso imerso na heterogeneidade discursiva não pode ser compreendido a partir da manifestação de *um* sujeito a respeito de si ou da construção de um discurso externo sobre si ou ainda da retomada de uma consciência perdida para tornar-se “sujeito de sua própria história”. Foucault opõe-se a essas tradições e ao contrário de reinterar o sujeito individual se baseia na noção de dispersão do sujeito para destruir “a ideia de discurso como “expressão”

de algo, tradução de alguma coisa que estaria em outro lugar, talvez em um sujeito, algo que preexiste à própria palavra” (FISCHER, 2012, p. 83).

Nessa trama discursiva em que são copilados os enunciados, se erguem verdades de um tempo, sobre determinado assunto, objeto, sujeito e relações. A elaboração desta “verdade” está ancorada em campos de saber, de uma classe, grupo, de uma cultura que produz e reproduz seja o preconceito, a discriminação ou ainda a extinção seja pela sutileza de uma violência invisibilizada ou na brutalidade contra aqueles que não estão em conformidade com dada “ordem social”.

É por meio deste mecanismo dos discursos, possuidores das “verdades”, mais sacralizadas que as formas de poder produzem e reproduzem relações de dominação e inferiorização de determinados sujeitos. Nesse entendimento, verifica-se a mídia enquanto uma verdadeira arena de explosões discursivas de saberes que se solidificam enquanto manutenção de poderes em suas mais diversas esferas.

E quando se trata de relações de saber-poder no campo dos homicídios a pessoas não heterossexuais, evidenciados pelas notícias nos veículos de comunicação, identifica-se a sexualidade enquanto dispositivo que utilizado para legitimar tal ou qual discurso. Pois o domínio de uma sexualidade configurada na negação de outras só pode se sustentar se um conjunto bem elaborado de saber que permita fazer com que este ou aquele seja aceito, defendido, negado ou proclamado na sociedade.

Uma instrumentalidade que se consubstancia por outros elementos segundo Foucault (1976), uma vez que nas relações de poder a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um de maior instrumentalidade: utilizável no maior numero de manobras, podendo servir de ponto de partida, de articulação as mais variadas estratégias.

## **2.2. A HOMOFOBIA E A DISCUSSÃO DO PADRÃO HETERNORMATIVO**

A discussão da homofobia traz um cenário de possibilidades a compreensão das formas de preconceito e discriminação a pessoas não heterossexuais, à medida que direciona um olhar teórico-científico e político sobre a questão. Para melhor situarmos a discussão a acerca do referido conceito façamos uma breve contextualização da definição e sobre questões terminológicas.

Segundo o que foi evidenciado na Obra de Borrillo (2010), somente em 1998 que o termo "homofobia" apareceu, pela primeira vez, em um dicionário de língua francesa; dez anos antes, ele era ainda ignorado, até mesmo pelos léxicos especializados. Segundo parece, a invenção da palavra pertence a K. T. Smith que, em um artigo publicado em 1971, em que tentava analisar os traços da personalidade homofóbica; um ano depois, G. Weinberg definirá a homofobia como "o receio de estar com um homossexual em um espaço fechado e, relativamente aos próprios homossexuais, o ódio por si mesmo".

Ainda segundo o autor, ao se acentuar a definição de homofobia a hostilidade a homossexuais, considerando o aspecto fóbico, outros especialistas se propuseram em formular novas definições, dentre elas destacaram os seguintes: homoerotofobia (CHURCHILL, 1967), "homossexofobià" (LEVIT; KLASSEN, 1974) "homossexismo" (LEHNE, 1976) e "heterossexismo" (MORIN; GARFINKLE, 1978). Nessa empreitada de definições conceituais as primeiras críticas provêm de J. Boswell (1985), ao observar que o termo "homofobia" significaria, de preferência, "receio do semelhante"; em vez de "receio do homossexual". Por essa razão, esse historiador prefere retomar a palavra "homossexofobià" na medida em que este termo parece-lhe mais adequado do ponto de vista etimológico, apesar de seu caráter híbrido.

Todavia, essa denominação continua sendo insatisfatória por referir-se exclusivamente à atitude extrema de apreensão psicológica (fobia), ocultando outras formas de hostilidade menos irracionais. É nessas considerações que se buscou a apreensão do termo homofobia levando em conta os diferentes aspectos apresentados por Daniel Borrillo que ultrapassam as características psicológicas e retoma elementos que articulados constituem um tipo específico de violência.

Deste feito, outro elemento que constituirá esse fenômeno é a negação da sexualidade enquanto resultado de construções sociais históricas que se encontram na base da organização de nossa sociedade. Desta maneira, o que está se afirmando é que

[...]A sexualidade e as praticas sexuais são construções sociais intrinsecamente relacionadas com as múltiplas dimensões simbólicas e estruturais de determinada sociedade. Nesse sentido, partimos do pressuposto de que as teorias que advogam sobre o que determina a homossexualidade, ou qualquer outra tentativa de formular uma teoria normativa a respeito da mesma, estão por princípio, ideologicamente orientadas na direção de uma "normalização" da heterossexualidade e, conseqüentemente, de uma patologização de comportamentos sexuais que se

afastam dessa lógica hegemônica que chamamos de heteronormatividade (PRADO, & MACHADO, 2012).

Levando em conta esse elemento, o termo “homofobia” designa, assim, dois aspectos diferentes da mesma realidade: a dimensão pessoal, de natureza afetiva, que se manifesta pela rejeição dos homossexuais; e a dimensão cultural, de natureza cognitiva, em que o objeto da rejeição não é o homossexual enquanto indivíduo, mas a homossexualidade como fenômeno psicológico e social (BORRILLO, 2010). Esse caráter da homofobia retrata as dimensões que inter cruzam a formação de um padrão heteronormativo, entendido este enquanto articuladas formações discursivas que delineiam sexo/gênero, macho/fêmea enquanto formações rígidas e sacralizadas sob uma ótica da naturalidade biológica e normalidade cultural.

A formação dessa uniformização das categorias sexo/gênero em que os corpos foram e são constituídos demarcam a homogeneidade na formação dos sujeitos e sua sexualidade e mais do que isso, de sua vivência. Ergue-se dessa maneira um padrão que é tomado como referência para localizar todas outras possibilidades não heterossexuais possíveis que por sua vez são posta em condição de subalternidade.

Assim, os comportamentos, os valores, as crenças, os afetos e relações devem está condicionado a um modelo pré-concebido, fruto de interesses políticos, religiosos, morais de uma determinada classe, cultura etc., ou seja,

A heterossexualidade aparece, assim, como o padrão para avaliar todas as outras sexualidades. Essa qualidade normativa – e o ideal que ela encarna – é constitutiva de uma forma específica de dominação o heterossexismo, que se define como a crença na existência de uma hierarquia das sexualidades, em que a heterossexualidade ocupa a posição superior. Todas as outras formas de sexualidade são consideradas, na melhor das hipóteses, incompletas, acidentais e perversas; e, na pior, patológicas, criminosas, imorais e destruidoras da civilização.(BORRILLO, 2010, p.37).

Nesta lógica, designar o “outro” a condição de subalternidade, inferioridade faz parte desse sistema de hierarquias sexuais em que se constitui nossa sociedade, que constantemente busca se reafirmar nos mais diversos espaços da vida social. A homofobia enquanto violência se manifesta não somente as identidades politicamente denominadas LGBT, mais a todos aqueles que não se enquadram no perfil normativo de ser “homem” ou “mulher”, condicionados ao gênero feminino e ou masculino, e ao sexo macho/fêmea historicamente construídos.

Por fim, a homofobia se manifesta de diversas maneiras nos diferentes espaços públicos e privados incorporando formas visíveis, veladas de uma violência física e simbólica. Práticas discriminatórias e preconceituosas resultante da insistência na defesa do padrão heteronormativo em detrimento ao não reconhecimento e hostilidade aos que não se adequam a essa uniformidade.

### **2.3 A VIOLÊNCIA HOMOFÓBICA NO BRASIL E NO AMAZONAS**

Como vimos anteriormente a homofobia ainda é uma discussão que precisa ser mais aprofundada, seja nas escolas, nas universidades, nas repartições públicas e principalmente pelos representantes políticos de nosso país. A emergência para esta ação é evidente a medida que nos deparamos diariamente com a violação de direitos básicos das pessoas não heterossexuais que por sua orientação sexual e ou identidade de gênero ( caso das travestis e transexuais) mais são suscetíveis de sofrerem com a discriminação, estado este que lhes colocam em condição de marginalidade ao serem incluídos a uma categoria de subcidadãos não merecedores dos direitos sociais, civis e políticos básico e quando são inseridos, o são em tratamento desigual.

Todavia é importante reconhecer alguns avanços no Brasil acerca da visibilidade dessas formas de violência contra as pessoas não heterossexuais. Um dos feitos positivos do Governo Federal frente a essa questão foi a promoção da elaboração do primeiro relatórios de violência homofóbica no Brasil, ação pioneira na América Latina em 2011 e o segundo em 2012.

Esses relatórios foram organizados pela Coordenação Geral de Promoção dos Direitos de LGBT (da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República) e representantes do Conselho Nacional de Combate à Discriminação – CNCD/LGBT. A equipe técnica responsável pela elaboração desses relatórios irá considerar a homofobia como preconceito ou discriminação (e demais violências daí decorrentes) contra pessoas em função de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero presumidas. Neste conceito, apesar de não explicitados para melhor fluência do texto, estão incluídas a lesbofobia, a homofobia, a transfobia e a bifobia (ou seja, a LGBTfobia em geral), (SDH, 2011).

A estratégia para categorização da violência Homofóbica se dará a partir das identidades sexuais LGBT, considerando a violência em suas particularidades. Sendo utilizado duas fontes para levantamento dos dados: Disque Direitos Humanos – Disque 100: Serviço de denúncia vinculado à Ouvidoria da SDH/PR, que abarca, desde dezembro de 2010, módulo específico para violações cometidas contra a população LGBT; e a Central de Atendimento à Mulher - Ligue 180: ofertado pela SPM, recebe denúncias ou relatos de violência, reclamações sobre os serviços da rede e orientações sobre direitos das mulheres.

No primeiro relatório foi evidenciado que de Janeiro a Dezembro de 2011, foram denunciadas 6.809 violações de direitos humanos contra LGBTs, envolvendo 1.713 vítimas e 2.275 suspeitos<sup>5</sup>. Outro aspecto trazido pelas estatísticas é o maior número de suspeitos em relação ao de vítimas. A diferença é de 32,8%, o que sugere o caráter de violências cometidas por mais de um agressor ao mesmo tempo: grupos de pessoas que se reúnem para espancar homossexuais são um exemplo comum deste tipo de crime.

Ainda de acordo com este relatório, os números apontam para um aterrador quadro de violências homofóbicas no Brasil: no ano de 2011, foram reportadas 18,65 violações de direitos humanos de caráter homofóbico por dia. A cada dia, durante o ano de 2011, 4,69 pessoas foram vítimas de violência homofóbica reportada no país.

Em 2012, foram registradas pelo poder público 3.084 denúncias de 9.982 violações relacionadas à população LGBT, envolvendo 4.851 vítimas e 4.784 suspeitos. Em setembro ocorreu o maior número de registros, 342 denúncias. Em relação a 2011 houve um aumento de 166,09% de denúncias e 46,6% de violações, quando foram notificadas 1.159 denúncias de 6.809 violações de direitos humanos contra LGBTs, envolvendo 1.713 vítimas e 2.275.

Nesse panorama Nacional o Estado do Amazonas não ficou de fora desse levantamento a cerca da violência homofóbica, em relação ao Ano de 2011, foram notificadas um quantitativos de 13 denuncias em contrapartida em 2012, subiu para 57, o denota uma aumento de 338,46% (SDH/2012). Sendo segundo os dados de violência apontados pelo Governo federal foram 125, além de 15 homicídios os quais foram identificados na pesquisa que se serão abordados através dos gráficos mais adiante.

Em relação ao perfil das vitimas se identifico que em 2012, a grande maioria das vítimas de violências homofóbicas foram noticiadas sendo do sexo biológico masculino (90,22%), segundo o relatório e sendo o restante de 9,78% do sexo feminino. Essa proporção

se manteve em relação ao ano de 2011. Fato este que não está distante da realidade amazonense ao se relacionar com pesquisa realizada que identificou 88% dos crimes com suspeita de motivação homofóbica a eram do sexo masculino. Em suma, essa foi uma breve exposição de como a violência homofóbica tem ocorrido no País.

Com isso, é possível verificar em que contexto macrossocial está situado o Amazonas e como essa realidade nacional tem se feito sentir este Estado, que é mais um dentre outros que necessitam urgentemente de políticas e legislações que assegurem possibilidades da garantia de direitos sociais básicos e principalmente o da vida.

### **3. DESCRIÇÃO METODOLÓGICA**

Nesta pesquisa o objetivo se consistiu na investigação dos homicídios de pessoas não heterossexuais com suspeita de motivação homofóbica ocorridos no Estado do Amazonas no período de 2010 a 2012, as fontes foram notícias jornalísticas (dados hemerográficos). A análise dos dados ancorou-se, nas teorizações foucaultianas, e alguns estudiosos de perspectiva de estudos *queer*, a partir desse aporte teórico elegemos os seguintes conceitos: homofobia, e de dispositivos das relações de saber-poder.

Para alcançarmos os objetivos propostos recorreremos além do arcabouço teórico aos estudos da análise enunciativa empreendida por Fischer (2012) como estratégia de ignição para análise dos dados a serem coletados. A autora a partir das teorizações foucaultianas evidencia as práticas por dentro das relações de saber-poder como produtoras de modos de ser sujeito. A autora discute os principais conceitos relacionados às teorizações de Foucault acerca do discurso, quais sejam: enunciado, prática discursiva, heterogeneidade discursiva e sujeito do discurso.

Fischer (2012) defende que não se pode assimilar as teorizações foucaultianas acerca do discurso em um desenvolvimento linear, “o que se percebe é que ao decorrer de sua trajetória teórica e política este conceito vai ganhando densamento de outros exemplos e resignificando seu teor analítico”.

Para o desenvolvimento da análise os procedimentos operacionais tomados foram os seguintes: coleta dos dados hemerográficos a partir dos Relatórios Anuais de Assassinatos a Homossexuais (LGBT) realizados pelo Grupo Gay da Bahia nos anos de 2010 a 2012 e dos Relatórios sobre Violência Homofóbica no Brasil realizado pela Secretaria de Direitos

Humanos da Presidência da República (SDH/PR) em suas primeiras publicações, correspondentes aos dados de 2011 e 2012. Ressalta-se que a nomenclatura LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) construída pela década de 1980, pelos movimentos organizados como estratégia política de reconhecimento dessas identidades não serão empregadas nesta produção se direcionam a outra vertente que compreende não somente a designações LGBTs, mais todas as experiências que ultrapassem as fronteiras da heteronormatividade. Sendo assim, adotar-se-á o termo “não heterossexual” a partir da *teoria queer* que em seus estudos sobre sexo, sexualidades, performances e identidade de gênero, compreendem tais elementos para além do enquadramento ou engessamentos de determinadas identidades.

As fontes dos dados hemerográficos são o jornal A Crítica impresso e online e o jornal virtual D24 hora, a escolha de tais veículos de comunicação se deu devido a facilidade do acesso e a grande abrangência, e fácil acesso no caso do periódico A crítica este está disponibilizado tanto para assinatura digital quanto a consulta no seu banco de dados na sede da empresa, ressalta-se ainda que o jornal A crítica é um periódico sexagenário de grande alcance e influência no Estado amazonense.

O instrumental de coleta das informações nas fontes supracitado constitui-se em uma Ficha de Indexação que por meio de indicadores previamente estabelecidos, nortearam a análise dos dados. Os indicadores foram agrupados em dois grupos, o primeiro relacionado ao contexto e os dados gerais do homicídio e o segundo tratou dos dados específicos da vítima.

Após a coleta os dados hemerográficos foram organizados a partir dos recortes das matérias jornalísticas em uma classificação cronológica em um documento nomeado de Consolidação dos Dados em seguida procedeu-se a transcrição do texto jornalístico de cada matéria. Após as etapas descritas realizou-se o tratamento dos dados hemerográficos de maneira quali-quantitativo por meio de operações estatísticas, a exemplo de tabulações e gráficos que puseram em relevo as informações alcançadas, e através da interpretação dos dados pautada no referencial teórico adotado.

Posteriormente a sistematização dos resultados da pesquisa se deu em uma separação de tratamento quanto aos aspectos gerais dos crimes e quanto aos enunciados das matérias jornalísticas em que se optou analisa-los de modo aleatório e sequencial neste relatório. O relatório está estruturado levando em conta a fundamentação teórica, a elaboração de uma breve contextualização da violência homofóbica no Brasil e no Amazonas. Em seguida a apresentação dos resultados em termos quantitativos através de gráficos de maneira mais



descritiva, o perfil das vítimas e a análise dos enunciados que noticiaram os crimes identificados com suspeita de motivação homofóbica.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

##### 4.1 OS HOMICÍDIOS COM SUSPEITA DE MOTIVAÇÃO HOMOFÓBICA NOTICIADOS EM FONTES HEMEROGRAFICAS NO AMAZONAS

Os Relatórios Anuais de Assassinato a Homossexuais (LGBT), compilados pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) e os Relatórios sobre Violência Homofóbica no Brasil, produzidos pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), foram tomados como bússola norteadora do levantamento dos dados. A identificação dos casos de 2010 a 2012 ocorridos no Estado do Amazonas noticiadas no jornal A crítica impresso e *online*, além de algumas notícias do D24 *online*, foram analisados de maneira pormenorizada a partir dos gráficos abaixo.

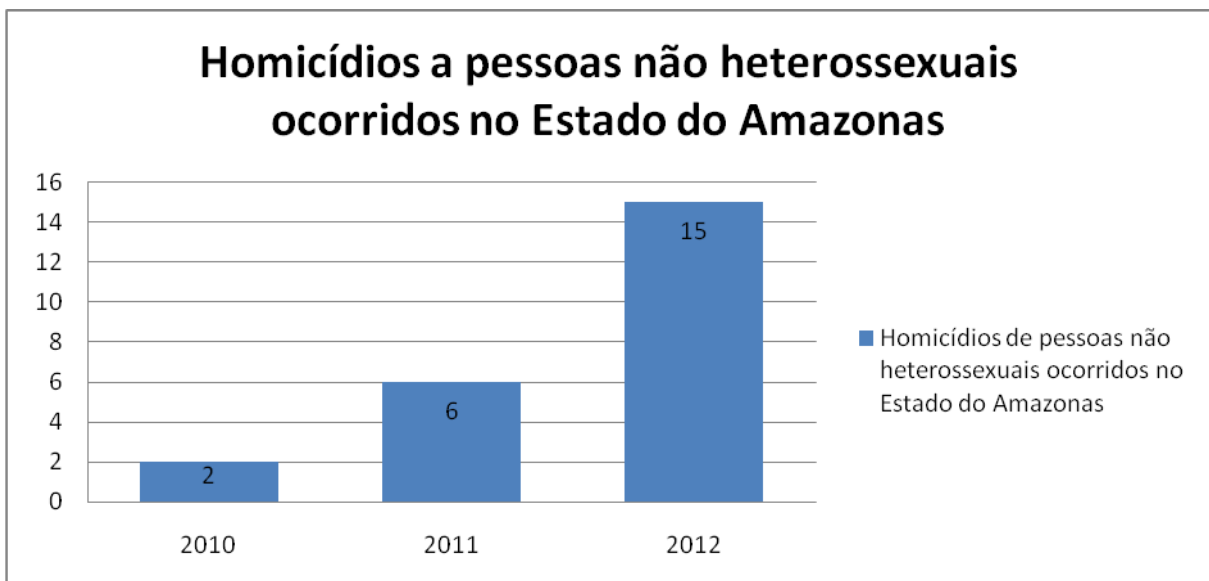


Gráfico 1 – Homicídios de pessoas não heterossexuais ocorridos no Estado do Amazonas.

FONTE: Dados hemerográficos.

Os dados noticiados pelo GGB que tem como fontes as notícias de jornais apontou respectivamente um número de 04, 05 e 15 homicídios ocorridos nos anos de 2010, 2011 e 2012. Enquanto a SDH acerca do ano de 2011, primeiro relatório produzido pelo poder público acerca da violência homofóbica, denunciou a partir do título *Homicídios noticiados na imprensa* 13 e 15 casos nos anos de 2011 e 2012 respectivamente.

Os dados hemerográficos publicados no Jornal A crítica tanto impresso quanto *online* e o D24 *online* evidenciaram 2 casos no ano de 2010, 6 no ano de 2011 e 15 casos no ano de 2012. Ou seja, os dados em termos quantitativos diferem no ano de 2010 e 2011, porém no ano de 2012 os dados se assemelham, tendo o GGB e a SDH divulgados o número de 15 homicídios à LGBT o que foi confirmado pela presente pesquisa.

Abaixo tabela para melhor visualização dos números de casos divulgados tanto pelas pesquisas do movimento social LGBT quanto do poder público e logo abaixo o que foi evidenciado pela presente pesquisa.

<b>FONTE</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>
<b>GGB</b>	04	05	15
<b>SDH/PR</b>	Não publicou	13	15
<b>PIBIC</b>	02	06	15

A pesquisa em tela correspondente ao ano de 2010 conseguiu confirmar 02 casos dos 04 apontados pelo GGB, o nome de Wendey Godoy Júnior e de uma pessoa identificada apenas por Bicó. No ano de 2011 o GGB classificou 5 casos, enquanto a SDH noticiou 13, dentre nossas fontes foram identificados 06 casos. No ano de 2012 há consenso em relação ao quantitativo de homicídios que chegaram ao recorde de 15 casos.

Abaixo detalharemos os municípios do Estado do Amazonas em que ocorreram os assassinatos, Manaus, capital do Estado, lidera a lista com 87% dos casos (20 casos), seguido pelos municípios de Anori, Manacapuru e Parintins, com (1 caso) cada. No ano de 2010 todos os 2 assassinatos ocorreram em Manaus, no ano de 2011 além dos 4 homicídios realizados em Manaus houve ainda 1 em Anori e outro em Parintins; no ano de 2012 14 casos de assassinatos foram identificados em Manaus e 1 em Manacapuru. Segue a porcentagem de homicídios no gráfico abaixo:



Gráfico 2 – Municípios do Amazonas onde ocorreu o homicídio.

FONTE: Dados hemerográficos.

O local dos homicídios de maior preponderância é a própria casa nos casos dos assassinatos de gays dentre os 16 contabilizados, 12 casos ocorreram dentro de casa, 03 em terrenos baldios e os demais em motel e boates. No caso das travestis a maioria é assassinada na rua, dentre os 5 casos de homicídios a travestis, somente 1 assassinato aconteceu na casa da vítima. Quanto às lésbicas a pesquisa evidenciou um caso em 2012 em que o crime ocorreu no fundo de uma casa abandonada.

Neste aspecto a pesquisa reitera a análise do GGB ao afirmar que a maioria dos gays são assassinatos em casa enquanto as travestis são mortas na rua.



Gráfico 3 – Locais dos homicídios.

FONTE: Dados hemerográficos.

Referente à ação do crime se individual ou coletiva, a maioria dos casos 56% (13 casos) não foram informados, 35% (8 casos) foram individual e 9% (2 casos) coletiva tendo em ambos os casos três homens como assassínios.

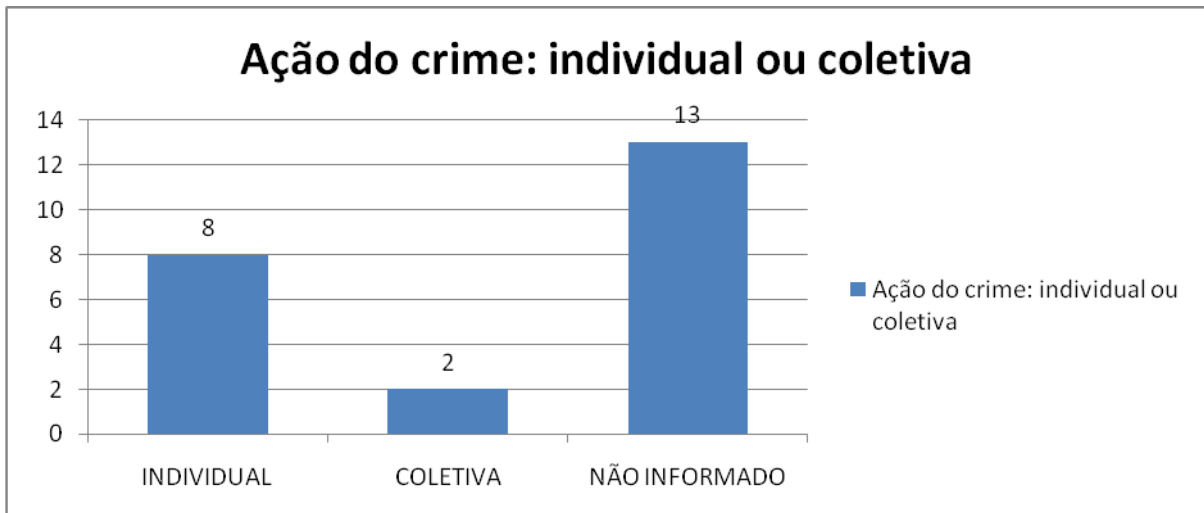


Gráfico 4 – ação do crime: individual ou coletiva.  
 FONTE: Dados hemerográficos.

Em termos de incidência mensal dos crimes, ao decorrer do triênio 2010-2012 a maioria dos homicídios ocorreram nos meses de fevereiro, abril, setembro, outubro e dezembro. Não é possível verificar uma causa precisa para a justificativa de esses meses serem mais frequentes os homicídios, se fosse arriscar uma hipótese defendida seria em relação aos meses mais festivos em que a visibilidade e participação das pessoas não hetero nesses eventos o torna-se mais frequente. E no caso de meses menos festivos tornaria um período também propício devido a diminuição das movimentações seja em casa, na rua, em espaços públicos o que podem tornar as pessoas mais vulneráveis em termos de segurança.

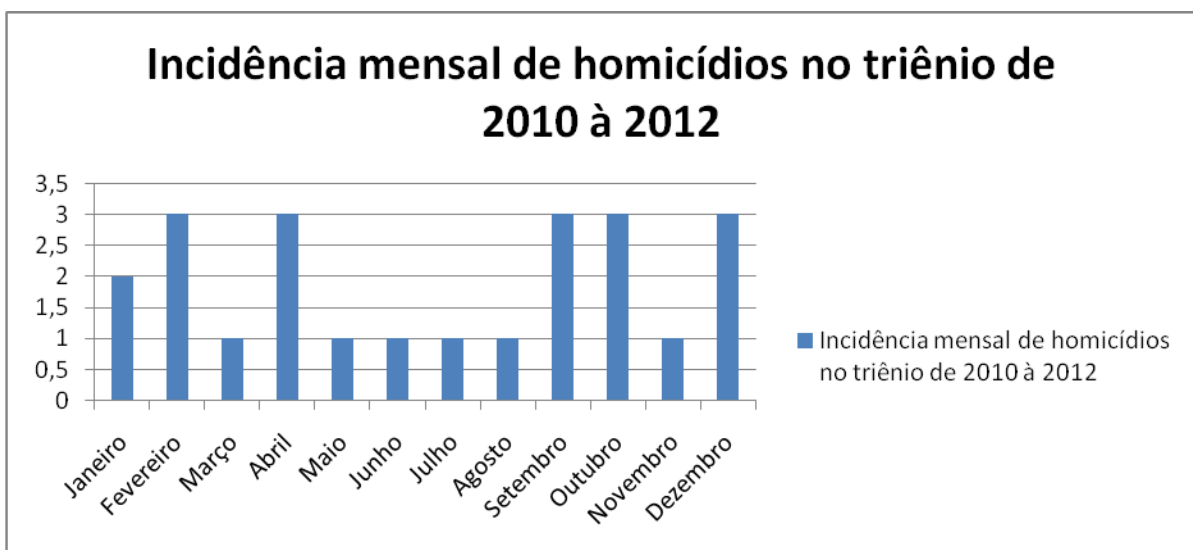


Gráfico 5 – Incidência mensal de homicídios no triênio de 2010 a 2012.  
 FONTE: Dados hemerográficos.

Quanto à qualificação do crime a definição de latrocínio (roubo seguido de morte) e de homicídio lideram as suspeitas dos profissionais de segurança pública. Um parâmetro que baseia-se no imediatismo da situação e desconsidera outras possibilidades, dentre elas por

motivação homofóbica, dificultada de ser classificável, na medida em que inexistente no código penal brasileiro a possibilidade deste enquadramento.



Gráfico 6 – Qualificação do crime.

FONTE: Dados hemerográfico.

Apesar de o movimento LGBT brasileiro ter adotado como uma das principais bandeiras de luta a necessidade de legislar para coibir a homofobia, desejo materializado na PLC 122/2006, o projeto teve diversos acordos e alterações a partir da reação da bancada religiosa, porém ainda com essas negociações ainda foi aprovado e recentemente foi apensado a reforma do código penal brasileiro.

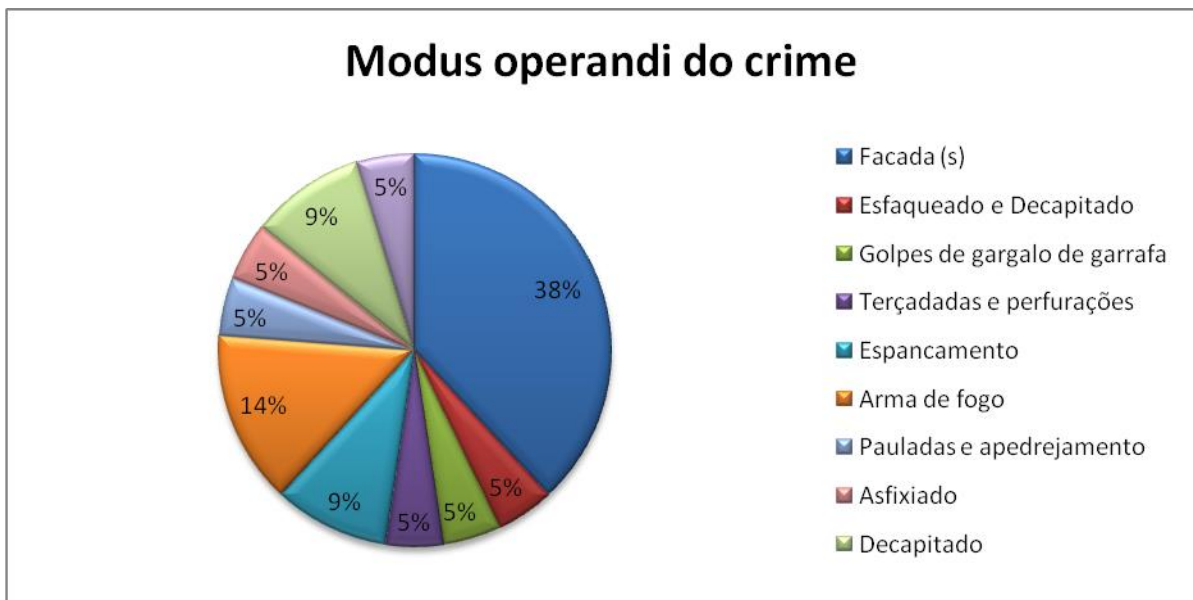


Gráfico 7 – Modus operandi do crime.

FONTE: Dados hemerográficos.

Quanto ao *modus operandi* do homicídio os dados hemerográficos evidenciaram que 38% dos casos (8) foram mortos à facadas, seguido de 14% dos casos (3) com arma de fogo. Na análise dos dados não se percebeu uma forma de operacionalização dos crimes por orientação sexual ou identidade de gênero, pelo contrário, em alguns casos houve uma

interseção dos instrumentos utilizados para o crime, faca e pedradas, espancamento e asfixia dentre outros.

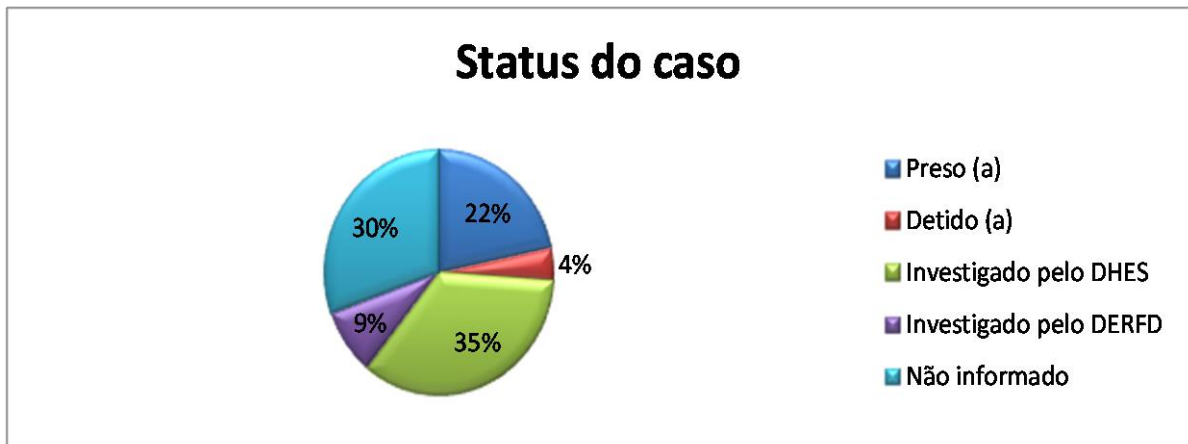


Gráfico 13 – *Status* do caso.

FONTE: Dados hemerográficos.

O gráfico acima revela o elevado grau de impunidade em que os crimes estão envoltos, apenas 22% dos casos foram presos, não chegando a  $\frac{1}{4}$  dos assassinatos, desta metade foram soltos por falta de provas. Cerca de 35% dos casos seguem sobre responsabilidade da Delegacia Especializada em Homicídios e Sequestros (DEHS) e 9% é da responsabilidade da Delegacia Especializada em Roubos, Furtos e Defraudações (DERFD) realizar as investigações.

#### 4.2 O MODO DE ENUNCIÇÃO DOS HOMICÍDIOS COM SUSPEITA DE MOTIVAÇÃO HOMOFÓBICA

Na celebre obra *A ordem do discurso* (1971), o autor evidencia a imbricação deste discurso na constituição das estratégias de saber-poder desenvolvidas por outras formas discursivas, de acordo com o filósofo,

nenhum saber se forma sem um sistema de comunicação, de registro, de acumulação, de deslocamento, que é, em si mesmo, uma forma de poder e que é ligado, na sua existência e no seu funcionamento, às outras formas de poder. Nenhum poder, ao contrário, se exerce, sem a extração, a apropriação, a distribuição ou a retenção de um saber. Neste nível não há conhecimento de um lado e sociedade de outro, ou a ciência e o Estado, mas as formas fundamentais de saber-poder (FOUCAULT, 1971).

Portanto, a imprensa enquanto formação discursiva apesar de agir politicamente para empreender a “naturalização da verdade”, esta evoca-se o arauto da sociedade “normalizadora” em uma intensa disputa para fabricação da verdade. Dentre seus fascinantes mecanismos encontra-se o televisivo que em suas cores e movimentos cada vez mais vívidos

empolga a todos; ou das ondas sonoras do rádio que com sua capilaridade alcanças os confins, no entanto desperta nossa atenção os jornais impressos que apesar de toda tecnologia permanecem com sua legitimidade social inabalada, ainda que vinculado por outras maneiras através do mundo virtual, os jornais assumissem enquanto tentáculos midiáticos de grande acesso reinventando seu importante lugar na formatação dos modos de ser e compreender o eu e o outro, a vida e o mundo.

A mídia se coloca arditamente entre os jogos de verdade, ela refuta determinados posicionamentos e reverencia outros, por vezes, criados pelo seu próprio aparato. Porém, seria ingênuo de nossa parte tê-la meramente como oponente, ela deve ser analisada a partir das entranhas da vida social, devem-se despir seus camuflados interesses, evidenciar as verdades que deseja constituir e os modos de subjetividade que almeja forjar.

O discurso midiático é componente indispensável ao funcionamento do dispositivo que inspeciona constantemente a verdade da sexualidade, ele arroga-se desvelar os mistérios da consciência a partir da pretensão de encontrar o lugar seguro da inteligibilidade do sujeito, ou seja, encontrar sua “verdadeira” identidade sexual. Logo, o sexo posto em discurso produz efeitos sobre os corpos e forja subjetividades, produzindo verdades sobre o que as pessoas são e poderão ser. Os efeitos desses discursos formam dispositivos eficazes que, antes de proibir e fazer calar incitam as falas e internalizam o controle.

De acordo com Ramos & Carrara (2006, p. 19-192) a preocupação com a elaboração de um arquivo e a divulgação de relatórios contabilizando casos de assassinatos de “homossexuais” contribuiu fortemente para estabelecer uma das prioridades da agenda do movimento, a denúncia da “violência contra homossexuais” e da “homofobia”. Contudo, a abordagem predominantemente sensacionalista da imprensa, sobretudo durante a década de 1980 e em parte da década de 1990, favoreceu uma visão parcial da vitimização de “homossexuais” que muitas vezes tendia a “confirmar” – até mesmo para o próprio movimento - representações vigentes sobre a homossexualidade, nas quais a tragédia era, de alguma forma, efeito de fraquezas morais e de escolhas das próprias vítimas. Essas representações eram particularmente fortes no caso de as vítimas serem travestis e no caso de assassinatos de “homossexuais” de classe média por garotos de programa.

Passaremos agora a explicitar os mecanismos de profusão do discurso midiático relacionado ao modo como são tratados os enunciados de um homicídio como suspeita de motivação homofóbica, para tanto, evidenciaremos os elementos cruciais impressos no *corpus* da pesquisa que se referem direta ou indiretamente à reiteração dos regimes de verdade produtos de subjetividades valoradas e desprezadas socialmente.

No dia sete de maio de 2012, o jornal A Crítica, noticiou por meio do título: Nove perfurações e subtítulo: industriário é morto a facadas, mais um assassinato por motivação homofóbica. Segue o enunciado:

O industriário Waldir Almeida Ferreira, 41, foi assassinado com nove facadas [...], dentro da própria residência. A polícia civil trabalha com a hipótese de um possível latrocínio (roubo seguido de morte), já que vários pertences pessoais da vítima foram levados pelos criminosos.

Trata-se de um homem com mais de 40 anos de idade que reitera o perfil de vítimas não heterossexuais masculinos que tem a casa como local de sua morte, o instrumento utilizado para concretização do crime é uma arma branca, a faca, a quantidade de golpes deferidos é utilizado pela mídia como estratégia de prender a atenção do leitor na notícia estando escrito em negrito ganhando destaque visual nas páginas do jornal. O elevado quantitativo de golpes deferidos constitui como características dos crimes de ódio em uma clara evidência do sentimento de extirpar o mal ou a existência da vítima.

A hipótese de latrocínio, invisibiliza a possibilidade de tratar-se de um crime homofóbico. Apesar de no Brasil esta modalidade de crime, está entre os delitos de maior pena privativa de liberdade, reclusão é de 20 a 30 anos, nos casos envolvendo pessoas não heterossexuais a impunidade ainda é uma constante. Assim como os casos noticiados nas décadas de 80 e 90, do século passado, ainda hoje há atenção insuficiente por parte do aparelho investigatório do Estado para solução de tais crimes, sobretudo, se a vítima além de não ser heterossexual possua marcadores sociais desclassificáveis, tais como pobre, negro, indígena ou de baixa escolaridade.

A matéria segue e explicita uma inusitada motivação do crime: *“o fato de a vítima ter contaminado outra pessoa com o vírus HIV, o que teria levado à vingança”* (A Crítica, 07/05/12). Apesar desta informação não ter sido confirmada por familiares do industriário. O enunciado confere uma espécie de justificativa ao assassinato, o termo contaminado imprimiu uma espécie de poluição moral, em que a vítima passa a ser responsabilizada por seu ato moralmente condenável, qual seja, a contaminação do vírus que na década de 1980 ficou conhecido como o “câncer gay”, estratégia discursiva proferida pelos segmentos conservadores que enxergaram na epidemia do HIV um castigo divino às sexualidades dissidentes da heterossexual. Mais uma vez as sexualidades dissidentes se emparelham aos doentes.

De acordo com Gilman (1991, p. 246), enquanto o imaginário da sífilis foi construído associando uma ameaça geral à imagem do doente sofredor, no caso da AIDS, o “aidético”



unia em si o sofrimento culpabilizador, pois ele era visto como a fonte de sua própria infecção, além de ser um culpado perigoso, pois a ideia de uma exposição propositada ao vírus sugeria condutas irracionais que o levariam, em sua leviandade, a pôr em risco os “bons” e “saudáveis”. Dessa forma, os discursos morais sobre o “mal sexo” ganhavam uma roupagem científica, agora que a homossexualidade, sobretudo a masculina, podia ser repatologizada em outros termos.

Pelúcio; Miskolci(2009, p. 144) alertam ainda que se no início da epidemia, ainda que vigorasse alguma culpabilização dos infectados, a novidade e a falta de informação justificavam – em parte – o HIV como uma fatalidade. Porém atualmente, após décadas de campanhas de prevenção e da incorporação de seu discurso à vida cotidiana, a contaminação apresenta-se como injustificável e prova de irresponsabilidade social.

Segundo o jornal A Crítica os familiares de Waldir não teria revelado sua sorologia: *“Ele era muito calado e nunca falava dessas coisas com a família”*, informou sua irmã. Entretanto, de acordo com o periódico *online* chamado Portal D24 horas foi noticiado que os *“Familiares disseram à polícia que Waldiney era homossexual e portador do vírus HIV”* (Portal D24 horas, 06/05/12). Em ambas as matérias apesar da confirmação ou não da sorologia da vítima relacionada ao vírus HIV, percebe-se uma associação direta entre a homossexualidade e a aids.

A epidemia inicial de HIV/aids teve o efeito de repatologizar a homossexualidade em novos termos contribuindo para que certas identidades, vistas como perigo para a saúde pública, passassem por um processo de politização controlada. Este processo, que Larissa Pelúcio (2009) denomina apropriadamente de SIDAdanização, ou seja, a construção da cidadania a partir de interesses estatais epidemiológicos, terminou por criar a bioidentidade estigmatizada do “aidético” reconfigurando nossa pirâmide da respeitabilidade sexual e social. Em suma, a epidemia de HIV/aids foi um divisor de águas na história contemporânea modificando a sociedade como um todo, mas com efeitos normalizadores ainda maiores no campo das homossexualidades.

Góis (2001, p. 77) tomando o contexto americano como exemplo, a partir dos relatos sobre a vida gay dos anos 60, 70 e 80 problematiza as conexões sociais entre AIDS e homossexualidade. *“Nossa cultura e civilização nos dizem, cotidianamente que a subcultura gay das décadas em questão, são marcadas pelo signo do desvio, ausência de higiene e pecado, geradora de doença”*.

Em um viés moralista a causa da AIDS passa a ser materializada no corpo dos pacientes, vistos como no não heterossexual e usuários de droga e imigrantes negros, porém

foi o homoerotismo o eleito como a grande ameaça, degeneração e declínio, associado diretamente à transmissão do vírus mortal o que gerou um dos maiores pânico sexual da história contemporânea. Como registrou João Silvério Trevisan, “ante o fantasma da morte, elegeu-se um bode expiatório, como sempre acontece nas grandes calamidades públicas e nas fobias daí resultantes” (2004, p. 449).

A forma como a saúde pública tratou a epidemia em seu início fez com que emergisse a figura do “aidético”, definida por (ORTEGA, 2008) como uma biodentidade que, após receber um tratamento político, passou a aglutinar “pessoas vivendo com aids”. As identidades epidemiológicas permitem que, através de uma série de procedimentos discursivos, se regulem comportamentos não somente sexuais mais com repercussões nas diversas dimensões da vida social imbuídos de um processo de auto vigilância de cada um por sim mesmo.

O dispositivo da AIDS, como nomeou Néstor Perlongher fez uso dessa violência normativa ao reificar a heterossexualidade como algo supostamente natural ao mesmo tempo em que a impôs compulsoriamente por meios educativos, culturais e institucionais. Ao passo que renegou às sexualidades dissidentes a experiência da abjeção, assim o desejo homoerótico foi encarado como impuro e contaminador e apontado como um desejo atrelado à morte e à dor.

Dentre o corpus de 23 casos de crimes por motivação homofóbica encontrados nos jornais de 2010 a 2012 apenas um caso está relacionado às mulheres, caberia nos questionar se a homofobia, ou a lesbofobia para sermos, mas preciso, não seja uma realidade tão frequente, porém esta afirmação seria apenas uma silhueta de contornos mais longos e sutis, uma vez que ao problematizarmos o lugar da mulher ainda confinada aos espaços da vida privada devido a violência nos espaços públicos. Acreditamos que a homofobia destinada às mulheres não heterossexuais possuem maior dificuldade de ser explicitada.

Uma desses poucos casos que vieram à baila está presente em um exceto do jornal A Crítica (27/02/12) que noticiou um bárbaro assassinato ocorrido com a adolescente Marta dos Santos Gonçalves de apenas 16 anos de idade. Segundo a matéria *“a jovem estava despida e com o rosto totalmente deformado. De acordo com a investigação da Delegacia de Homicídios (DEDHS), a vítima foi estuprada e depois morta a pauladas”*.

A família da vítima fizera o reconhecimento do corpo através de uma tatuagem que a adolescente tinha no braço, pois *“o rosto da moça estava irreconhecível. Muito machucado. Ela levou muita pancada na cabeça. O autor ou os possíveis autores do crime usaram*

*pernamancas e pedras para matá-la*”(A Crítica, 27/02/12). De acordo com a matéria, foram palavras de um policial que estava no local do crime.

Este é um dos poucos casos em que houve punição do acusado. A partir de investigações da Delegacia de Homicídio (DEDH) e da denúncia de testemunhas a polícia localizou o soldado do Exército Brasileiro (EB) Cássio Jhones dos Santos Teixeira, 20, que confessou a autoria do crime.

Tal confissão do assassinato ocupou as páginas de vários jornais, porém, somente em um deles é noticiado a principal motivação do crime, percorreu-se toda a notícia até que nas últimas palavras da matéria, esta se explicita. De acordo com o delegado, Cássio Teixeira contou que conhecia a adolescente e que havia se desentendido com ela por causa de namorada. *“Ela estava namorando uma menina com quem eu havia ficado”* (A Crítica, 28/02/12) declarou o militar do Exército.

A história do homoerotismo entre mulheres nas sociedades ocidentais e na modernidade segundo Toledo e Filho (2011) foi demarcada à sombra das referências ao que era considerado ser homem e ao masculino, assim a partir de “verdades” sobre a lesbianidade, formatam-se enigmas e estereótipos sobre essa forma de vivência sexual. Desta feita, tal visão de lesbianidade a coloca, por um lado, na posição de aberração e, por outro, de ilegitimidade. O que se percebe é que, muito do que se diz sobre a lesbianidade se revela como subproduto de um machismo e heterocentrismo naturalizado em nossa cultura.

O prazer da relação sexual lésbica é questionada no bojo de uma sociedade falocrática, em que é inconcebível o gozo sem a penetração do pênis. Provavelmente não era interesse do algoz de Marta simplesmente assassiná-la, mas esse fim deveria ser feito de maneira exemplar para vingar o preterimento do macho e a desvalorização de seu falo, além da predileção do corpo de outra mulher. O enunciado proferido pelo assassino *“ela estava namorado uma menina com quem eu havia ficado”* apesar de ser verbalizado é remetido ao tempo passado como tentativa da irrelevância do fato no presente, em uma estratégia de reduzir o ponto crucial da motivação do assassinato *“por causa de namorada”*.

Em Problemas de Gênero, Butler (2003) apresenta a ideia de uma matriz heterossexual. Esta matriz é o que conferiria inteligibilidade e legitimidade às performances de gênero e às diferentes sexualidades. Segundo a matriz heterossexual, deve haver uma correspondência entre sexo, gênero e desejo. Só esta correspondência é que garantiria a normalização da sociedade. No caso em análise, Marta Gonçalves, não obedecia à sacralizada ordem da matriz heterossexual, apesar de seu corpo e identidade de gênero constitui-se na seara da feminilidade sua orientação sexual era destinada ao interesse afetivo-sexual por

outras mulheres, eis o motivo da ira social de incorrespondência da heterossexualidade compulsória, logo, aquilo que é ininteligível culturalmente, o que ocupa o lugar da perquirição e do sucessivo questionamento, tem sua constituição de sujeitos raptada.

Desta feita, Marta Gonçalves, enquanto sujeito transformado em ser abjeto pelas convenções da heteronormatividade passou do alargamento das possibilidades de feminilidade à ameaça em potencial, na medida em que quis concorrer com o macho despertando sua fúria para aniquilação da vida, tida por ele como justificável, na medida em sequestrava-lhe algo e mais do que isso o substituíria o que implicava no conseqüente desprezo por sua virilidade.

Apesar de algumas hipóteses em relação à motivação principal do crime, dentre elas débito com o tráfico e ameaças de matá-lo como afirmou o soldado, provavelmente para ter sua pena minimizada, nas últimas palavras o autor do crime revela na reportagem a sua real motivação para efetivar o homicídio, qual seja: não tolerava sua ex-namorada estar em relacionamento com outra mulher, sendo este preterido.

Este discurso é demonstrativo da heteronormatividade que impossibilita a mulher de manifestar seus desejos. Se em uma relação heterossexual esta é criada desde muito cedo com bonecas para uma inclinação naturalizada à maternidade e que deve servir ao seu marido nos afazeres domésticos e na cama, as mulheres que se manifestam atraídas sexual e afetivamente por outras mulheres tem seu gozo estranhado, invisibilizado e sua possibilidade de existência negligenciada socialmente.

A violência sofrida pela adolescente Marta Gonçalves, que teve seu rosto desfigurado a pauladas em uma clara evidência do processo de purgação de sua sexualidade é um caso da evidente ameaça social que as mulheres não heterossexuais representam ao sistema machista, misógino e homofóbico enraizado na sociedade brasileira.

Em resposta a tamanha ameaça as mulheres lésbicas começaram a denunciar as formas de violência sofridas, dentre elas o que passou a ser intitulado de estupro curativo ou ainda estupro corretivo, termo este utilizado pela primeira vez no início de 2000 por organizações não governamentais de direitos humanos para denunciar os estupros cometidos contra sul africanas lésbicas. O estupro corretivo é um crime de ódio em que o objetivo é supostamente curar a vítima, mulheres lésbicas, de sua homossexualidade. Ou seja, constitui-se em um discurso do ódio, que representa a exteriorização da cultura do estupro voltada para as mulheres lésbicas. Um relatório de novembro de 2008 feito pela ONG ActionAid e pela Comissão Sul Africana de Direitos Humanos pediu a criação de uma legislação que visasse especificamente os crimes de ódio, incluindo a violação corretiva.

No Brasil, segundo a Liga Brasileira de Lésbicas estima-se que cerca de 6% das vítimas de estupro que procuraram o Disque 100 do governo federal, durante o ano de 2013, eram mulheres lésbicas que em sua maioria denunciavam o estupro corretivo.

Os estupros corretivos precisam ser vistos para além das vítimas, porque em nenhum momento elas mudam sua orientação sexual após a violência sofrida. Nesse sentido, a coordenadora da Liga Brasileira de Lésbicas (LBL), Roselaine Dias, se posiciona afirmando que:

Não afeta em nada a concepção da vítima sobre sua sexualidade. Nenhuma diz que deixará de sair com menina por ter sido vítima. O diferencial é que, quando ela está sofrendo a violência, é o agressor que explica que tem um 'motivo'. Ele é que tem que ser tratado. Precisamos combater os preconceitos culturais e a forma de educar as pessoas sobre as relações afetivas, sexualidade e identidade de gênero. Só assim teremos uma solução.

Em nossa sociedade a possibilidade de duas mulheres manterem um relacionamento com um homem estando as duas em comum acordo ou estando estas em uma relação esposamente em relação ao homem, constitui-se como um modo de subjetivação facilmente tolerado, seja pela argumentação do "instinto" masculino da necessidade da cópula, seja pela demonstração de sua virilidade em ter diversas parceiras. Porém, ao pensarmos a possibilidade de duas mulheres relacionarem-se sexualmente entre si a possibilidade de gozo na mentalidade geral torna-se impossível devido a ausência do falo. A situação se agrava, sobremaneira, quando a mulher lésbica torna-se uma concorrente ao amor e ao prazer do homem heterossexual, em que este se percebe no direito de aniquilar sua existência evocando a pseudojustiça de seus atos para normalizar e restituir o que é tido por ele como seu por natureza, ou seja, o amor das mulheres.

A naturalização de qualquer forma de violência por vezes tida por isenta de preconceito por meio do riso ou da fundamentação de uma suposta natureza atemporal não pode justificar a aniquilação da vida ou o atentado a esta. Ter uma vida livre de qualquer forma de violência é um direito de todas as mulheres.

No Brasil a Lei Maria da Penha significou avanços na mudança de postura da percepção da posse do corpo da mulher enquanto propriedade privada seja nas relações heterossexuais ou homossexuais, ainda que em termos de operacionalização das leis as políticas públicas demonstram-se ineficazes, sobretudo, em contextos regionais diferenciados ao industrial urbano. Enfim, se por um lado a lei avançou, por outro o panóptico midiático reintera cotidianamente o lugar da mulher como objeto de prazer exclusivo do macho heterossexual.

Passaremos a analisar os crimes por motivação homofóbica ocorridos fora da capital Manaus, dentre os 23 casos identificados, 3 deles ocorreram em diferentes modalidades de municípios em termos demográficos e acesso a bens e serviços públicos. Estes casos podem ser analisados a partir de outra dimensão do discurso, por vezes não considerado, qual seja, o mutismo. O silêncio que se rompe como nos casos abaixo também denuncia o silêncio que grita em seu mutismo invisibilizado.

Trata-se de enunciados que vieram a luz do dia devido a condicionantes diferenciadas, nas quais a maioria dos casos não desfrutam. Constituem em casos de assassinato por motivação homofóbica que ocorreram distante dos centros urbanos. Podemos considerar Manaus, a capital amazonense, uma cidade-Estado ao compararmos sua infraestrutura e o acesso a bens e serviços a outras localidades do Amazonas, quanto mais longínquo da capital a rede de serviços públicos demonstra ser mais precarizada.

Manaus constitui-se como o principal centro financeiro, corporativo e econômico da Região Norte do Brasil. A cidade aumentou gradativamente a sua participação na composição do Produto Interno Bruto(PIB) brasileiro nos últimos anos, passando a responder por 1,4% da economia do país.

Apenas dois municípios do Amazonas possuem população acima de 100 mil habitantes: Manaus, a cidade mais populosa do Amazonas e da Amazônia, com uma população de 1 982 179 habitantes, de acordo com estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2013),o que corresponde a 60% da população do estado; e Parintins, com 109.225 habitantes, (IBGE, 2013).

Ao longo da década de 1990, o Amazonas destacou-se por ser um dos estados brasileiros de maior crescimento populacional e econômico. Manaus, capital do estado, figura como uma das cinco capitais brasileiras com maior crescimento populacional, com 2,51% de crescimento anual. Em dez anos, o estado registrou 28,22% de crescimento populacional, passando de 2,8 milhões em 2000 para 3,4 milhões em 2010.

Porém, nos municípios amazonenses em que a primeira vista poderia pensar o quão difícil é assumir-se em sua diferença frente à heteronormatividade, no entanto os autores que refletem sobre o tema nos aponta possibilidades de resistências frente as normalidades arraigadamente postas.

O primeiro caso ocorreu no município de Anori, localizado a 234 quilômetros de Manaus, este ocupa uma área de 5.795, 283 KM<sup>2</sup> tendo população estimada pelo IBGE (2013) em 18.351 habitantes. O caso ocorrido neste longínquo município, em relação à distancia da capital, somente ganhou notoriedade nas páginas dos jornais no Estado do Amazonas devido

a insistência de um vereador e de um militante do Movimento Social LGBT que vieram à Manaus denunciar o caso ainda que contrários às forças políticas do município: “Sofremos até uma pressão da prefeitura e do poder executivo do município, que eram contra a nossa vinda a Manaus para denunciar o caso”, afirmou o vereador (A Crítica, 14/03/11).

O crime despertou a indignação da população de Anori, uma vez que por tratar de um município pequeno e pelo fato da vítima ser agente de saúde todos o conheciam na cidade. O crime foi anunciado da seguinte forma:

Marlon Neves Gomes, de 25 anos, foi assassinado por três homens em Anori a pauladas e terçadadas na madrugada do último sábado. A vítima, que era agente de saúde no interior, ainda teve seus olhos arrancados por uma escora de ferro. Este é o quarto assassinato brutal que choca o município em menos de dois anos, assim como o terceiro crime contra homossexuais nos últimos dois meses (A Crítica, 14/03/11).

O jornal ressalta a crueldade presente no assassinato realizado por três homens que chegaram a arrancar os olhos da vítima. A notícia endossa que o crime não foi isolado, no entanto a impunidade é uma constante, nas palavras do vereador: “A população está cansada de ter que lidar com crimes deste tipo e com a impunidade aos criminosos. Este não é um caso isolado, [...]. O tio da vítima também foi assassinado há cerca de dois anos, fato que deu início a essa série de crimes chocantes [com] pauladas na cabeça até morrerem” (A Crítica, 14/03/11). Realidade corroborada pelo militante que afirmou ter sido espancado há um mês por um homem que permanece em liberdade e sem nenhuma acusação continua ameaçando-o: “Lá (em Anori), ninguém faz nada quanto a isso” (A Crítica, 14/03/11) desabafou o militante.

Os casos de homofobia noticiados tanto pelo movimento social, sobretudo o Grupo Gay da Bahia (GGB), quanto os dados do governo federal, por meio da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) evidenciam estatísticas da violência homofóbica que em sua maioria acontecem nas grandes cidades do país, quanto mais distante das metrópoles a informação se torna mais rarefeita.

Informação não apenas sobre os crimes homofóbicos, mas a respeito sobre o cotidiano vivido pelas pessoas não heterossexuais em territorialidades não urbanas. Eribon (2008, p. 31) analisa a profunda relação entre as possibilidades da vivência da homossexualidade e o urbano/metropolitano, segundo este “a cidade sempre foi o refúgio dos homossexuais”. A partir da metade do século XX, a concentração de homossexuais em espaços urbanos expressa uma prática histórica, destacando-se que, à época, a visibilidade e a proteção/segurança dos homossexuais passou a ser uma bandeira dos movimentos

sexuais e libertários (CASTELLS, 2006). Contemporaneamente, muitos jovens não heterossexuais realizam uma verdadeira “diáspora gay”<sup>1</sup> (COLETO, 2012).

A migração de pessoas não heterossexuais para as grandes cidades é motivada para além da possibilidade de manifestação de sua sexualidade também como possibilidade de acesso a bens e serviços por vezes inexistentes ou de difícil acesso no município em que vivem. O sonho da cidade grande está atrelado ao sonho de melhores condições de vida inclusive em termos de maior proteção, ainda que nem sempre alcançado, esse sonho é proeminente, sobretudo na mente dos jovens.

No município de Anori uma das dificuldades estruturais é a segurança pública, na matéria supracitada tanto o vereador quanto o militante denunciam que o município conta somente com quatro policiais militares sendo dois por plantão, estes clamaram às autoridades competentes reforço de no mínimo vinte policiais para o município.

O militante LGBT reforça ainda o requinte de crueldade perpetrado no assassinato de Marlon Gomes: “Ele foi perfurado por um pedaço de pau mais de 20 vezes e ainda levou algumas terçadadas em diversas partes do corpo. Depois enfiaram seus olhos em uma escora de ferro”. O que nos leva ao questionamento da legitimidade pública de que apesar de um pequeno município, ocorre crime tão bárbaro. Os sujeitos de sexualidades não heterossexuais são invisibilizadas “devido o contexto ultrarrepressor e conservador, presente nas regiões rurais e/ou não-urbanas” (Eribon, 2008). A aceitação ocorre por vezes a partir da estratégia de invisibilização, quando não um rechaço declarado que define a verdade do outro a partir de suas experiências afetivo-sexuais desconsiderando as dimensões familiares e profissionais, por exemplo, da pessoa estigmatizada.

Por outro lado, existem nos municípios de pequeno porte talvez de maneira mais enraizada que nas cidades grandes as redes sociais de solidariedade que estruturam-se por um conjunto de relações consideradas importantes para um determinado sujeito na promoção de bem-estar em momentos adversos, podendo ser compostas por familiares, vizinhos, amigos, profissionais acessados, entre outros, que apresentam a capacidade de oferecer apoio tão efetivo como duradouro, bem como o sentimento de competência ao enfrentamento do problema.

---

<sup>1</sup>Associa-se o termo diáspora à categoria “gay”, visando destacar a migração motivada pelo contexto social e pela sexualidade de homos e bissexuais do sexo masculino do campo ao urbano. Nesse caso, a diáspora deve ser pensada como a alternativa de não se apegar “a modelos fechados, unitários e homogêneos de pertencimento cultural, mas abarcar os processos mais amplos - o jogo da semelhança e da diferença - que estão transformando a cultura no mundo inteiro” (HALL, 2003, p. 47).



No caso em questão a forma como foi realizado o assassinato de Marlon Gomes despertou na população um sentimento de revolta levando-a a realizar inclusive manifestações: “A população que está revoltada, realizou uma manifestação na noite de sábado, em frente à Delegacia (cerca de 500 pessoas tentaram invadir a delegacia para linchar os presos), e uma na manhã de ontem, no enterro da vítima” (A Crítica, 14/03/11). A pressão da população e a coragem tanto do vereador quanto do militante foram condições indispensáveis para a apuração do caso. O delegado do município identificou três suspeitos, porém a testemunha ocular do crime somente confirmou dois, que de acordo com o vereador “As duas pessoas que já foram presas tiveram que ser transferidas em segredo para uma cadeia no município de Beruri (a 170 quilômetros da capital) porque a população queria matá-los e os policiais não conseguiriam protegê-los”.(A Crítica, 14/03/11).

Outro caso por violência homofóbica ocorreu no município de Manacapuru, cidade integrante da Região Metropolitana de Manaus, também conhecida como Grande Manaus, esta criada pela Lei Complementar Estadual nº 52 de 30 de maio de 2007, a Região Metropolitana de Manaus possui população superior aos 2,2 milhões de habitantes sendo a maior em área territorial do mundo é formada originalmente pela união de treze municípios: Manaus, Careiro da Várzea, Iranduba, Itacoatiara, Manacapuru, Novo Airão, Presidente Figueiredo e Rio Preto da Eva.

A informação inicial é a do enunciado: “*na manhã de ontem*”, (A Crítica, 30/11/12) o que demonstra o lugar subalternizado em termos de serviços de comunicação em que a cidade de Manacapuru e demais municípios que compõe a famigerada região metropolitana se insere. Apesar da inauguração da Ponte Rio Negro, em 24 de outubro de 2011, com o objetivo de interligar com mais facilidade os municípios de Iranduba, Manacapuru e Novo Airão à capital amazonense a desigualdade social entre Manaus e demais município permanece inalterado.

A notícia recorre à fonte da Polícia Militar para creditar legitimidade à informação, do dia anterior, haja vista que por se tratar de um município ainda que pertencente à região metropolitana de Manaus há poucos recursos humanos e infraestrutural em termos das empresas de comunicação capazes de noticiar a imediatividade do ocorrido. A matéria ressalta a ocupação profissional, nome, idade a forma como o corpo foi encontrado, além do local do assassinato: “*o cabeleireiro, Franchemerson Costa da Cunha, 29, foi encontrado degolado, dentro da casa onde mora*”(A Crítica, 30/11/12). A informação “*cabeleireiro é encontrado degolado*” é apresentado como título da matéria o que reforça o estereótipo ocupacional do homem não heterossexual com a profissão do cuidado estético ou de saúde, no caso em questão a ocupação de cabeleireiro, além de explicitar de maneira sensacionalista o *modus*

*operanti* da morte, degolado, com objetivo de despertar no leitor curiosidade para compra da notícia. Segue o enunciado:

Segundo a Polícia Militar, o corpo da vítima foi encontrado despido, com um corte na garganta. O cabeleireiro foi localizado por um vizinho que achou estranho o fato de a porta da casa dele estar entreaberta (A Crítica, 30/11/12).

No corpo do texto, há uma descrição do estado como foi encontrada a vítima, agora em uma abordagem diferenciada dos termos apocalípticos do enunciado do título “*cabeleireiro é encontrado degolado*”: passando a precisar melhor a realidade do corpo da vítima “*o corpo foi encontrado despido, com um corte na garganta*”.

A notícia revela ainda que a vítima somente foi encontrada devido a percepção do vizinho de a porta da casa da vítima não estar fechada. O que revela a possibilidade de Franchemerson Cunha, morar sozinho. É sabido que tanto na capital quanto no interior do estado do Amazonas, assim como em outras localidades Brasil a fora, os sujeitos não heterossexuais, por vezes, quando assumem sua orientação sexual ou identidade de gênero discordante da heteronormatividade compulsória são vistos com reservas pela escola, desrespeitados por seus familiares e até mesmo expulsos da moradia de sua família originária.

No município de Manacapuru, semelhante à Manaus é comum amigos que passaram por situação análoga juntar-se para alugar um quarto ou casa e passarem a coabitar, chegando a forma-se espécie de vilas, demarcando relações de rivalidade e solidariedade interna. O que se constitui enquanto estratégia de sobrevivência às intempéries decorridas da homofobia institucional escolar e familiar.

Outro excerto da matéria explicita a possível relação da vítima com o uso de drogas, a partir do seguinte enunciado: “*Pessoas próximas ao cabeleireiro admitem que ele era usuário de drogas, o que o colocava, constantemente, em situação de perigo*” (A Crítica, 30/11/12). Apesar de não identificar quem seriam tais pessoas, nota-se o tom moralista em que se noticiou a relação da vítima com o uso de drogas, além de uma maneira vaga sem precisar quem afirma tal possibilidade, não esclarecer qual droga ou ainda a modalidade e intensidade do uso, ainda assim a matéria passa a justificar a morte da vítima culpabilizando-os, pois o fato de ser usuário de drogas o colocava *constantemente, em situação de perigo*.

A suspeita do crime é apontada, como na maioria dos casos como latrocínio, a matéria ressalta como evidência desta modalidade de crime a ausência da moto utilizada pelo cabeleireiro. Outra pista do crime é evidenciada por uma amiga da vítima que diz ter ficado com ele até as primeiras horas da madrugada e que depois este saiu afirmando que iria ter um encontro *amoroso* sem falar local ou com quem seria o encontro.

Passemos para o terceiro caso ocorrido fora da capital, o assassinato do cantor Omar Faria, 65. Se o homicídio ocorrido em Anori somente foi explicitado nas páginas dos jornais devido a corajosa intervenção de um vereador e de um militante LGBT daquele município, enquanto a visibilidade do caso ocorrido em Manacapuru se explica devido à proximidade com a sede da região metropolitana, a capital do Estado, Manaus; já o crime de Parintins assume notoriedade, na medida em que a vítima era irmão do ex-apresentador do Boi Bumbá Garantido, uma das agremiações que realizam o conhecido internacionalmente Festival Folclórico de Parintins, além do prestígio político, econômico e cultural que goza a tradicional família Faria naquele município. O que inclusive apesar do cruel *modus operandi* da morte foi noticiado sem sensacionalismo e exaltando as habilidades da vítima e a comoção de sua família e da cidade em que vivia, o que pode ser comprovado pelo excerto abaixo:

Omar cantava MPB e tinha um show agendado para amanhã. Era conhecido também por difundir toadas dos bois na noite de Parintins. A notícia da morte do cantor atraiu dezenas de pessoas à casa vermelha e deixou a comunidade abalada. Os Faria são uma das famílias mais tradicionais da cidade (A Crítica 02/09/11).

Estes crimes por motivos diferenciados puderam ser conhecidos e quanto aos crimes motivados por homofobia não postos a luz do dia? A subnotificação desses casos são explicados devido a família não quer associar-se à homossexualidade evitando a qualquer custo a publicização do homicídio, distorcendo os fatos ou renegando à invisibilidade a real motivação do crime, temos também os casos esquecidos por sua pouca importância, a exemplo do homicídio de Anori aqui tratado. O Grupo Gay da Bahia ressalta que nas áreas não urbanas noticiar tais casos torna-se ainda mais difícil o que nos leva a concluir que as estatísticas não correspondem à realidade devendo o número de homofobia letal muito superior às estatísticas enumeradas seja pelo movimento social LGBT, seja pelo Estado brasileiro.

Abaixo segue a descrição da matéria acerca dos elementos reveladores do *modus operandi* da morte da vítima:

O cantor Omar Faria, 65, foi assassinado ontem, com 27 facadas, dentro da própria casa, em Parintins, o crime apresentou requintes de crueldade, segundo a polícia. Familiares encontraram o corpo, pela manhã, com a faca ainda cravada no coração. Além das perfurações, o artista foi estrangulado. Omar era homossexual assumido [e] morava com a mãe (A Crítica, 02/09/11).

A matéria endossa que nos últimos cinco anos ao menos três crimes praticados contra homossexuais no município foram registrados. Todos apresentaram detalhes de violência

extremada, “*como execuções com várias perfurações pelo corpo e com membros e órgão genitais decepados*”. Uma espécie de punição à orientação sexual da vítima. No caso de Omar Faria, assumidamente de orientação afetivo-sexual diferente da heterossexual, seu prestígio na cidade não impediu que a violência homofóbica fosse perpetrada contra ele.

A estima lograda por Omar Faria na cidade de Parintins devia-se à divulgação das toadas, músicas de boi bumbá, que compõem o repertório da Música Popular Amazonense (MPA). Ao escrever a história social da homossexualidade masculina, a partir de São Paulo e do Rio de Janeiro GREEN (2000) revela que os homens que se fantasiavam de mulher e os bailes gays no carnaval alimentaram uma falsa imagem de tolerância para com os não hetrossexuais. De maneira semelhante o transeunte do Festival Folclórico de Parintins poderia pensar que há certa liberdade da convivência de diversos segmentos da sexualidade humana na cidade de Parintins, porém os casos denunciados revelam que apesar de parcela significativa de seus artistas, dançarinos e compositores serem não heterossexuais o preconceito ainda é proeminente, sobretudo, nos dias comuns distantes dos holofotes da festa mágica da Ilha Tupinanbarana a homofobia baila entre uma toada e outra. As agremiações poderiam utilizar a cultura do boi bumbá como estratégia de respeito às diferenças, no entanto acabam reforçando os preconceitos de gêneros em nossa sociedade.

Dentre os dados hemerográficos dos 23 casos coletados 3 vítimas possuíam idade superior a 60 anos. O cantor Omar Faria, tinha 65, quando foi assassinado com 27 facadas dentro da própria casa, o crime segundo a polícia foi operacionalizado com requinte de crueldade. Omar era homossexual assumido. De acordo com a matéria a polícia trabalhava com a informação de um vizinho que teria visto Omar entrar em sua casa acompanhado de um rapaz.

Outro caso ocorreu no dia 06 de fevereiro de 2012, de acordo com a matéria jornalística o aposentado Waldir Nunes Souto foi morto com várias pauladas dentro da casa onde morava. Uma amiga do aposentado foi procurá-lo na noite do crime, quando encontrou a vítima em óbito no chão da cozinha da casa dele. “*O Waldir era muito querido aqui no bairro. Ele era homossexual e na casa dele sempre vivia entrando e saindo esses jovens. Não imaginávamos que poderia acontecer isso com ele. Isso foi um choque para todos por aqui*” (A Crítica, 06/02/12).

A matéria reforçando a hipótese de o crime ser definido por latrocínio ao recorrer ao discurso de testemunhas que segundo a notícia afirmaram que o “*suspeito era uma pessoa muito próxima da vítima [e que este] deixou todos os cômodos revirados, e levou televisões*

de LCD, eletrodomésticos e o veículo de placas NAI4357 do aposentado” (A Crítica, 06/02/12).

O próximo é o caso de Carlos Alves da Costa, 76, encontrado morto e em avançado estado de decomposição, de acordo com a Perícia Civil. O corpo de Carlos estava no chão, com várias peças de roupa por cima. “*Só dava para ver os pés que estavam inchados e havia marcas de sangue nas paredes*”. Contou um cabo da 9ª Companhia Interativa Comunitária (CICOM). De acordo com peritos do Instituto Médico legal (IML), Carlos foi degolado, provavelmente com uma faca.

De acordo com Paiva (2009), parece evidente que a velhice LGBT empurra estes sujeitos para um lugar periférico, no interior de uma categoria já compreendida socialmente como marginal. No entanto, a experiência da velhice para LGBTs não pode e não deve ser entendida como um fenômeno homogêneo e linear, pois se trata de uma categoria complexa e diversa, cuja homogeneização parece em desacordo com a pluralidade de experiências e vivências deste universo.

O autor questiona ainda a posição marginal dos não heterossexuais velhos na epistemologia das sexualidades contemporâneas a partir da ideia da abjeção em relação ao corpo velho e em relação à homossexualidade questionando a ausência desta discussão por parte do movimento social LGBT, da academia ou mesmo do poder público na formulação e implementação de políticas voltadas para esse segmento que não asseguram o debate do envelhecimento e da diversidade sexual. Neste sentido o autor indaga qual visibilidade social há para o gay velho em nossa sociedade, em suas palavras:

Que mediações culturais vêm ao encontro desses indivíduos na direção de um reconhecimento positivo dos saberes vivenciais tecidos por eles, muitas vezes em resposta a situações de exclusão, de liminaridade, para não falar de experiências de clandestinidade e de vulnerabilidade à violência, sofridas por esses sujeitos no curso de sua vida e cometidas tantas vezes mesmo pelos poderes públicos? Qual o legado que tais indivíduos deixam e como esse legado pode ser identificado e assumido como herança a ser valorizada na construção de uma sociedade democrática e pluralista? Se o respeito às populações vulneráveis à violência, à exclusão, à desigualdade e à estigmatização – conjunto no qual destaco as mulheres, os jovens em situação de marginalização social, os velhos e os GLBTT – pode ser considerado termômetro social da efetivação da cidadania, temos que, no que diz respeito ao respeito aos homossexuais velhos, a sociedade brasileira padece de severa crise (2009, p. 203).

Nos três casos além das vítimas terem idade maior que 60 o *modus operandi* do crime é realizado à facadas e à pauladas, deferidas a corpos que não importam socialmente, corpos

abjetos do gay velho negligenciados em sua existência por várias instituições sociais e não reconhecidos em suas memórias.

Dentre os casos supracitados somente o Omar Faria mantinha contato direto com a família, pois morava no mesmo terreno que sua mãe, já os outros dois moravam sozinhos longe inclusive da família, o corpo da terceira vítima foi identificado por um amigo de trabalho já em estado de putrefação. Realidade que demonstra a segregação sofrida por quem não se “adaptou” ao regime familiarista heterossexual. As “bichas” velhas são enquadradas em um processo contínuo de infâmia que as produz como seres abjetos, sobretudo, aqueles que não têm *status* político ou poder econômico para permanecem no circuito dos seres desejáveis.

Frente a realidade da abjeção Paiva (2009, p. 203-204) propõe a constituição de um campo em que os saberes e as memórias dos “gays velhos” “possam ser expressos de modo a criar autoestima e reconhecimento social, restituindo-lhes seu lugar e seu desejo no laço social, de modo que possam falar sobre si e experimentar seus corpos e afetos, e que estes importem no tempo presente”.

Outro aspecto que negligencia as estéticas de existência que estão fora do hermético modelo de família e de conduta sexual aspirado socialmente está relacionado às técnicas de individualização e de procedimentos de totalização, ou seja, o Estado moderno não diluiu os indivíduos à população, mas sim preservou suficientemente o que Foucault chama de Poder Pastoral, um tipo de processo de subjetivação no qual a consciência e um auto-exame é feito pelo próprio indivíduo (Foucault, 2004a).

Esta individualização é uma dos genes que impetra uma racionalidade normatizante às possibilidades de existência, especialmente, naquilo que concerne à sexualidade. Logo, a contata-se que a diversidade não é desejada pelo Estado, por ser, digamos, mais difícil de administrar, produzindo sujeitos assujeitados pelas imposições de individualidade dos saberes, ou seja, um “governo da individualização” (Foucault, 1995a).

Esse processo de subjetivação produz um regime relacional frágil e limitado, sendo possível subvertê-lo a partir das práticas de si (subjetivação) (Foucault, 1995a). A “recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposta há vários séculos” (Foucault, 1995a) e a produção de uma estética da existência que fuja ao normativo podem produzir a resistência e o enfrentamento das fronteiras dos biopoderes. Tal projeto normativo associa-se, ao processo de subjetivação que assujeita à exterioridade - por meio da cultura hegemônica e de outras práticas normalizadoras- ou ao biológico - pela definição do sexo e associação às genitálias, as quais, neste processo, se torna o lugar e o papel do próprio desejo.

As estéticas da existência vivenciadas nos demais municípios do Estado do Amazonas, sobretudo, os mais distantes de Manaus, apesar de suas dificuldades, Martins (2013, p. 2) percebe em seus estudos que os “jovens homossexuais” ensaiam movimentos de resistências às identificações hegemônicas, especialmente, nas referências de gênero e sexualidade, portanto há uma prática política de afirmação da diferença.

No ocidente, a sexualidade é perpassada por um intenso caráter heteronormativo - no sentido atribuído por Butler (2003) - e, por conseguinte, sexualidades “desviantes”, dobradas, são marcadas pela dissimulação e possível migração para lugares mais cosmopolitas na busca por “um mundo de estranhos. O que permite preservar o anonimato e, portanto, a liberdade, no lugar das pressões sufocantes das redes de conhecimento que caracterizam a vida nas cidades pequenas” (ERIBON, 2008, p. 34). Evidentemente, nas cidades pequenas e no campo, estas vivências também são estabelecidas e redes são criadas distintamente dos territórios urbanos, e potencializadas com a emergência da ciber cultura (ERIBON, 2008).

Entendemos gênero como o resultado de práticas culturais e processos de subjetivação, produzidos pela repetição de normas sociais rígidas, presentes tanto no público quanto no privado, que se apresentam como reais, naturais, binárias e hierarquizadas, produzindo certa violência sobre os corpos, além, da possibilidade de resistência em subverter as essas relações de poder (BUTLER, 2003).

Todavia, observamos nas práticas dos “jovens gays” na zona rural: a potencialização de si por meio de resistências e rupturas com as práticas culturais heteronormatizantes; e a possibilidade de instituição de movimentos de reinvenção de si: dobrar, desdobrar, redobrar (Deleuze, 1989).

Neste sentido, ao problematizar-se o gênero, percebe-se que, histórica e epistemologicamente, o sexo, as práticas culturais, a orientação do desejo, os processos de subjetivação, o corpo e o próprio gênero estão conformados numa heterossexualidade compulsória, a qual estabelece uma normatividade que configura e impõe exclusivamente a possibilidade de “identidades” estáticas, fixas e previsíveis, nas quais o sexo suscita o gênero, e/ou o sexo e gênero produzem práticas de desejo, excluindo tacitamente outras possibilidades, as quais são, não raramente, patologizadas, criminalizadas, “corrigidas” cirurgicamente e tantas outras punições.

Não obstante, há transgressões e resistências instauradas por determinados sujeitos na experimentação de suas sexualidades e das relações que, processualmente, são estabelecidas frente ao modelo heteronormativo e ao assujeitamento. Este último possui inúmeras

dimensões, as quais não estão separadas/dicotomizadas, aqui, destacamos a corpórea e a subjetiva, às quais são/estão sempre referenciadas a partir da heterossexualidade compulsória (MISKOLCI, 2006).

As possibilidades de um corpo assumidamente ou rotular heterossexual transgride e escapa aos códigos que demarcam o corpo masculino hegemônico. De alguma forma, os corpos desviantes se apropriam desses espaços criados pela dobra para resistire romper com o sujeito essencializado e interiorizado de forma absoluta, criando, transbordando, e, claro, também repetindo a norma e a heteronormatividade (DOMÈNECH, TIRADO & GÓMES, 2001)

Considerando ainda essa discussão, passaremos para outro caso identificado nos jornais e sua análise se desdobra na discussão de como os discursos corroboram na manutenção dos status heterossexual em detrimento do não- hetero. Analisando as estratégias discursivas que constroem o dispositivo de saber poder sobre o cenário e a relação entre vítima e seu algoz.

Engenheiro ambiental William Andrade recebeu seis facadas. Neiff Façanha está preso pelo crime e alega legítima defesa  
 O autônomo Neiff Bezerra Façanha, 19, foi preso na madrugada de ontem minutos após ter assassinado, a facadas, o engenheiro ambiental William Lopes Oliveira Andrade, 34, dentro da suíte do motel Status[...]  
 Há duas semanas, a vítima e o acusado teriam se conhecido e durante esse período teriam realizados dois programas sexuais.  
 William Andrade teria dito a Neiff ter apenas R\$ 40, 00 referente à diária do motel, o que teria irritado o autônomo e resultado em um “bate-boca” entre os dois.  
 Durante o depoimento, o autônomo alegou legítima defesa.  
 Bastante consternado, com o ocorrido Gabriel Andrade disse saber da opção sexual do filho, mas que desconhecia as companhias dele [...].  
 Legenda da imagem: William Andrade era uma pessoa pacata, afirma o pai dele [...]. Fonte: (A Crítica, 14 de Janeiro de 2010).

O *corpus* do enunciado que se objetiva verificar foram extraídos ao se considerar a finalidade última que era noticiar tal homicídio que aqui são entendidos sob suspeita de motivação homofóbica segundo o relatório do GGBE da SDH. Todavia, estes fragmentos são uma possibilidade de esmiuçar o conjunto de hipóteses que se criaram sobre o objeto e como tal intento articulado a um conjunto pré-estabelecido constrói que um cenário de produção de verdade ou de omissão.

Na matéria realizada sobre o homicídio do Engenheiro William, em 2010, o que se pode perceber no discurso jornalístico que foi produzido, que este não está isento de uma



intencionalidade pelo contrario é resultado de uma posição em que ocupa o sujeito responsável de discursar tal evento. E que este, está imerso entre relações de saber-poder.

Nesse sentido cabe a tentativa de verificar os elementos que estão para além da superfície da referida notícia, considerando os elementos intrínsecos no acontecimento em tela. É indagar segundo Fisher (2012), [...] “porque isso é dito aqui, desse modo, nessa situação e não em outro tempo ou lugar, de forma diferente?”. O que seria ainda segundo autora, multiplicar relações “situar as ‘coisas ditas’ em campos discursivos, extrair deles alguns enunciados e coloca-los no mesmo campo ou de campo distinto”.

Os enunciados da matéria jornalística trazem elementos discursivos que tentam descrever o homicídio considerando a relação entre vítima e acusado, e demarcam a posição em que ambos estão. Sejam estas em relação a profissão, idade, orientação sexual, cliente e michê (definição que será explicitado em seguida), que remetem ao leitor uma possibilidade de assumir uma impressão sobre o fato. Outro fragmento é a localização presente no titulo, de onde ocorreu o crime. Além disso, a utilização das justificativas do acusado, que também é destacada no titulo da matéria.

A relação entre ambos que se julga ser central na matéria produzida será destrinchada e considerando esses diferentes aspectos que estão em torno dos enunciados que estão dispersos nessa arena de produção de “verdades”. Para melhor organização da realização da análise se partirá do titulo descrito a seguir: - *“Engenheiro morto em motel” “Engenheiro ambiental William Andrade recebeu seis facadas. Neiff Façanha está preso pelo crime e alega legítima defesa”*.

Uma das hipóteses para identificação da vitima apenas por sua profissão (diferentes de outros casos aqui verificados), é devido a vitima ser filho do “jornalista ex-presidente do Sindicato dos jornalistas profissionais de Manaus”, o que lhe confere certo reconhecimento frente a opinião publica. No entanto, ao mesmo tempo, esse possível cuidado na elaboração da matéria com a repercussão de tal crime se compromete quando de forma isolada delinea-se o espaço territorial em que ocorreu o homicídio. Que não é apenas parte formal da elaboração de uma notícia mais também serve como ferramenta de localização de uma possível identidade social do sujeito.

A segunda verificação da análise se dá quanto o destaque da profissão tanto da vítima quanto do acusado que constitui a partir da relação que ora será considerada como do suposto “cliente” Engenheiro, Willian Andrade e o autônomo Neiff Façanha, o “michê”.

Este sujeito o “Michê” no meio de relações que ora os legitimam quanto para sua atividade sexual, em outro momento os coloca em suspeita quando se questionam sua suposta identidade de “Macho”, ao equiparar com a “bicha” (homossexual), é definido segundo Perlongher (1987):

O termo michê é usado para denominar uma espécie *sui generis* de cultores da prostituição: varões geralmente jovens que se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente (p.20).

A partir dessa acepção de qual seria a relação entre o Engenheiro e Neiff, buscar-se-á demonstrar que a articulação das informações na produção da matéria do jornal não é impensada, mas constitui um dispositivo de relações complexas, aparentes e invisibilizadas. Nesse sentido se considera o primeiro elemento presente no texto que a partir da pesquisa de Perlongher (1987), nos permite arriscarmos a empreitada da análise proposta: “*O autônomo Neiff Bezerra Façanha[...]o engenheiro ambiental William Lopes Oliveira Andrade,[...]*”(grifo nosso)

A ocupação profissional, que no caso de Neiff, que tanto pela vida dupla, quanto por falta de oportunidades, dificilmente conseguiu acesso ao mercado de trabalho formal uma vez que este torna-se cada vez mais exigente, o que pressiona um parcela dos jovens ao mercado prostituição como um meio de satisfação de suas necessidades econômicas e também sexuais,

[...] a existência de um mercado de prostituição que privilegia os mais jovens se conecta com necessidades materiais concretas dos rapazes, geralmente desprovidos do meio de subsistência autônomos. A prostituição revela-se assim, como uma espécie de “rito de passagem” ou de iniciação sexual dos adolescentes, que atende não somente as suas carências sexuais mas também econômicas. (PERLONGHER, 1987, p.106) .

Nesse sentido, se estabelece uma relação de poder entre o cliente (engenheiro) nesse caso a vítima e o michê (autônomo) relações onde se agregam concepções ideológicas e socioculturais econômicas que reproduzem em seu bojo cargas de estigmas, preconceitos e discriminações para com os clientes e os michês. Nesse caso, não se pode desconsiderar que as formações discursivas que constituem esses enunciados negam a existência de um conjunto complexo que perpassam o objeto de que se fala e que estes tendem a acompanhá-los em sua constituição.

A segunda característica identificada é a relação de faixa etária entre o engenheiro e Neiff, que também foi destacada na matéria jornalística. Elemento este identificado por Perlongher,(1987), ao citar que;

[...] o negócio do michê soma uma a outra peculiaridade, que faz referencia a diferença de idade entre o prostituto e seu cliente. Em geral a clássica para o exercício da profissão oscila entre 15 e os 25 anos, enquanto os clientes costumam ter mais de 35 anos (p.24).

Fato este de importante relevância que nos permite verificar outros fatores presentes nesta relação. Pois não é apenas a disparidade etária que perpassou a relação entre o *Neiffe* (michê) e o *William* (cliente) mas todo um jogo de desejos e interesses sexuais e econômicos, que refletem a realidade de ambos os autores, e em que espaço social eles estão inseridos. Um terceiro elemento a ser analisado é a justificativa para eventual homicídio que põem em claras em que dimensões se localiza o valor da vida de uma pessoa não heterossexual, segue o trecho do texto:

William teria dito a Neiff ter apenas R\$ 40, 00 referente à diária do motel, o que teria irritado o autônomo e resultado em um ‘bate-boca’ entre os dois. “Em meio à discussão, segundo os relatos de Neiff, o engenheiro ambiental teria puxado uma faca contra ele originando uma luta corporal entre eles. Após aplicar um golpe no pescoço de William, o acusado conseguiu desarmá-lo e desferiu seis golpes que atingiram a vítima no pescoço, braço e tórax. Durante o depoimento, **o autônomo alegou legítima defesa**”.( grifos nosso)

A descrição aqui apresentada enquanto justificativa a tal crime por Neiff, organiza-se de forma explícita no texto como uma ação lógica, de um “acordo descumprido”, que respalda o acusado ter se “irritado” com a vítima. Contudo, considerando o jogo de poder que perpassa a relação entre ambos personagens acredita-se não tao somente esse é um motivo para a ação violenta dos “michês” contra seus “clientes”. Mais do que isso é a compreensão da existência de um modelo ‘bicha/macho’ está em concorrência com outro, ‘moderno’ ou ‘igualitário’, onde já não a bicha efeminada e ‘passiva que se submete perante um bofe viril e ‘ativo’, mas um sujeito assumido como homossexual [...]” (PERLONGHER, 1987). Essa é uma questão que não pode ser desconsiderada ao passo que evidencia uma realidade de submissão a qual é posta os não heterossexuais especificamente os homossexuais em condição de um agente passivo que apenas deve ser “penetrado”. Sua não aceitação muitas vezes resulta em conflitos com o parceiro michê (macho), que não aceita assumir outra posição que não seja a que lhe garanta o *status* de virilidade, de um heterossexual.

No entanto, reconhecer que estes são uns dos motivos que levam a ações desse tipo por parte do michê às vezes nem sempre é relatado, principalmente quando pode por em risco a identidade de macho e sua posição viril que se deveria assumir. Além de que, muitos dos michês tentam se auto-legitimar enquanto heterossexual mesmo possibilitando prazer e obtendo prazer em uma relação sexual homoerótica. Acabam por justificarem suas agressivas atitudes, criando outras situações, procurando meios que escondam o real motivo pelo qual agiram de tal forma.

O fantasma da violência e da morte ronda também os avatares do negócio. ‘Matei pra roubar’, é uma desculpa frequentemente esgrimida pelos michês perante a justiça. Em muitos casos– como mostra Aguinaldo Silva (1978, pag.5), a respeito do midnight – cow boy Anival Fonseca, que matou seu cliente Arguindo “**falta de pagamento**”[...] ( Perlongher, p.222)( grifo nosso)

Por ultimo, um recorte feito da legenda que se duplica no texto que reitera uma característica da vitima, semelhante a um estereótipo de um não heterossexual que posto em uma posição inferior, é delegado está à margem das relações consideradas normais. Como é evidenciado a seguir: -“Legenda da imagem: William Andrade era uma pessoa pacata, afirma o pai dele [...]”. ( A Critica, 2010).

Os enunciados que serão analisados em diante foram agrupados considerando as semelhanças das vitimas e as características da ocorrência do crime, o que nos permite a partir de comparações realizarmos com melhor qualidade os enunciados desses casos.

#### Homofobia

O estudante Wendel dos Santos Colares, 31, foi assassinado a facadas por volta das 4h horas do último sábado, na avenida Djalma Batista[...]. Os trabalhos preliminares da polícia dão conta de que a vítima seria travesti e fazia programas sexuais na área onde foi morta. No local o travesti seria conhecido pelos nomes de guerra de “Dandara” ou “Silverstone”. [...](A Crítica 14/01/2010).

#### Sete mortos no fim de semana em Manaus

[...]

[No corpo do texto]

Um travesti identificado como “Úrsula” foi executado com seis tiros às 4h de ontem, na rua 15 de Novembro, no Alvorada 2, Zona Centro-Oeste. De acordo com testemunhas, uma pessoa chegou ao local num Gol verde escuro e fez o primeiro disparo na cabeça da vítima. O atirador saiu do carro e atirou mais cinco vezes. (A Crítica, 06/12/ 2011..

Travesti é encontrado morto

Moradores da região reconheceram corpo e afirmaram que vítima costumava se prostituir na avenida General Rodrigo Otávio

Milton de Oliveira

Um travesti, aparentando 45 anos de idade, foi encontrado morto por volta das 9h de ontem, 17 em um terreno do Campus da universidade Federal do Amazonas (Ufam)[...]

“Há sinais de que o pescoço está quebrado e um dos ombros está deslocado [...].

Ponto na área

Conforme moradores [...], o travesti costumava fazer ponto na mesma avenida. “Essa área, à noite, tem pouca iluminação e é utilizada por homossexuais, usuários de drogas e pessoas que fazem programas sexuais”[...].

De acordo com o coordenador do Fórum LGBT do Amazonas, Francisco Nery, os travestis em Manaus estão muito vulneráveis. “Eles sofrem discriminação de toda a sociedade e fazem programas sexuais para sobreviver”, disse Nery, acrescentou também que os travestis são conscientes do perigo que correm (A Crítica, 18/01/2012).

Briga resulta em morte de travesti

Vítima, identificada como “Carol”, teria sido atingida pela vendedora de peixe Eunice Andrade de Almeida, armada com uma faca de pão.[...]

Eunice Andrade Almeida, 40, é acusada de golpear e matar o travesti conhecido apenas por “Carol”.[...]O crime ocorreu após uma briga entre a peixeira e o travesti,[...]. Segundo informaram testemunhas à polícia “Carol” teria insultado Eunice, que sobre efeito de álcool reagira com uma facada no tórax do travesti, atingindo o coração da vítima. Mesmo ferido, o rapaz, que não portava documento de identificação ainda tentou agredir a vendedora de peixe com uma cadeirada, mas não resistiu aos ferimentos e acabou morrendo no local.

[...] ainda teria chutado o corpo do rapaz para ter certeza de que “Carol” estava morto[...].

[...]Segundo informações coletadas pela PM o rapaz era morador de rua e fazia programa na área.[...](A Crítica, 27/08/2012).

Cozinheiro é assassinado

Valdir da Mota Conceição, 47, que era travesti, estava guardando dinheiro para compra casa; polícia acredita em latrocínio.

[...] encontrado morto na casa onde morava[...]. o corpo estava em decomposição desde sexta-feira e a suspeita é de latrocínio (roubo seguido de morte). Valdir era travesti conhecido também pelos nomes de “Kelly” e “Preto”. [...] “Ele conhecia todo mundo aqui na rua, era educado, cumprimentava a todos.[...]Esse assassinato é muito estranho” disse o vizinho, José Marques.

A irmã: “Não sei se ele era envolvido com algo errado, eu não gostava de ir à casa dele, pois acho o bairro muito violento”, afirmou.(A Crítica 15/10/2012).

Valdir Mota da Conceição morava sozinho no local há aproximadamente cinco meses. Apenas seu videogame e um telefone celular foram levados do local. [...] Segundo a Perícia Civil, Valdir, que era homossexual e conhecido como ‘Kelly’, foi espancado até a morte.[...] O ajudante de pedreiro e vizinho de Valdir[...], o autor João relatou que Valdir era homossexual, mas que não era usuário de drogas.[...]Segundo ele, a vítima levava muitas pessoas à casa, mas nem sempre eram as mesmas que frequentavam o local. “Era difícil você saber quem eram as pessoas, ele estava sempre mudando de companhias”, [...]. (Portald24am -14/10 2012).

Para mergulharmos na árdua tarefa de analisar os discursos em sua complexidade é necessário primeiramente que recorramos a métodos que nos auxiliem na compreensão do objeto, nesse sentido no direcionamos para o que segundo Fisher (2012), afirma

[...]tentar se desprender de um longo e eficaz aprendizado que ainda nos faz olhar os discursos apenas como um conjunto de signos. Como significantes que se referem a determinados conteúdos, carregando tal ou qual significado, quase sempre oculto, dissimulado, distorcido, intencionalmente deturpado, cheio de ‘reais’ intenções, conteúdos e representações, escondidos nos e pelos textos, não imediatamente visíveis.

Na análise dos enunciados desses cinco homicídios busca-se-á construir uma investigação minuciosa a partir da dinâmica em que se constituem essas formações discursivas, ressaltando as especificidades dos enunciados considerando o desafio de descrevê-los e “dar conta dessas especificidades, e apreendê-los como acontecimentos, como algo que irrompe num certo tempo, num certo lugar”.(FISHER, 2012).

O dispositivo da identidade de gênero dos sujeitos é apontado como marcador fundamental, sustentado por relações de saber-poder presente nas formações discursivas que permitem falar sobre este determinado sujeito dentro de certas regras. Verifique a seguir de que forma foram identificados as vítimas com suspeita de motivação homofóbica.

Homofobia.

[...]a vítima seria travesti e fazia programas sexuais na área.

Um travesti identificado como “Úrsula” foi executado com seis tiros[...]

Título: Travesti é encontrado morto

vítima costumava se prostituir na avenida General Rodrigo Otávio.

Título: Briga resulta em morte de travesti.

Segundo informações coletadas pela PM o rapaz era morador de rua e fazia programa na área.[...].

Título: Cozinheiro é assassinado.

Valdir da Mota Conceição, 47, que era travesti[...]

O tratamento quanto ao gênero das travesti, sempre referenciado pelo gênero masculino “*o travesti, um travesti, o rapaz, etc.*”, essa é uma das questões problemáticas do reconhecimento da travestilidade, quanto identidade gênero. Pois ao assumirem a performance do “feminino”, isto não demonstra apenas um conjunto de adereços, posturas, comportamentos equiparáveis, mais o objetivo de serem reconhecidas enquanto tal identidade. De acordo com Duque, (2009) “o conceito de travestilidades foi criado por Wilian Peres (2005, p.1)para se referir à variedade de processos identitários pelos quais os sujeitos travestis passam a se constituírem enquanto ‘femininos’”.

O não reconhecimento das travestis de sua reivindicação enquanto sujeito “feminino”, acabar por ratificar a não aceitação e as novas formas de transformação do corpo, sendo

permitida uma única polaridade de gênero homem/mulher, dentro dos “parâmetros” masculino/feminino, sendo estes definidos e identificados por sua genitália.

Não é uma simples referência imparcial, mais uma demarcação quanto a sua posição na sociedade, um dispositivo que aloca a travestilidade no campo das sexualidades dissidentes, pois a sexualidade que se constrói enquanto “legítima” e tem aceitação da sociedade, não carece ser evidenciada, na medida em que é considerada a única, legítima e “natural”, sendo assim, outras estarão à margem, o que gera ainda mais discriminação em seus mais altos níveis.

Carrara e Viana (2006), asseveram a especificidade de ser travesti dentre as outras sexualidades dissidentes, pois na medida em que estas expressam em seu corpo a possibilidade de gêneros limítrofes que mesclam masculinidades e feminilidades a sociedade as tratam com repúdio destinados a seres vis. Nas palavras dos autores:

A desestabilização provocada por sua performance de gênero, constantemente associada a um conjunto de estereótipos negativos sobre a homossexualidade em geral, torna as travestis as vítimas preferenciais de violência homofóbica em diferentes contextos. Nesse sentido, o grau de exposição a atos violentos separa muito nitidamente diferentes categorias - gays, lésbicas e travestis - frequentemente agrupadas sob a genérica rubrica de “homossexuais” (CARRARA & VIANNA, p. 234).

Em associação a definição da vítima enquanto travesti, a prostituição é reiterada com um atributo quase que inerente a sua travestilidade, travesti/prostituição, como sendo parte de sua identidade. Torna-se necessário acentuar que a face da prostituição das travestis não está necessariamente ligada a esta prática das profissionais do sexo, mas a outros elementos ainda mais complexos. Primeiramente, é o resultado da discriminação que sofrem desde sua casa, escola e outros espaços de sociabilidade. Resultando desta negação, por vezes, a expulsão de seu próprio lar, desta feita, o rechaço pelas instituições sociais, desde a família, igreja, escola e Estado acabam sendo naturalizado.

Segundo, conseqüentemente a não possibilidade de permanecer na escola é outra forte contribuição, pois dificulta ainda mais seu ingresso no mercado de trabalho formal. Pois, o fato de ser travesti, agravada por outros demarcadores sociais desprestigiados em termos de etnia ser negra ou indígena, de classe subalterna e com baixa escolaridade, tornam-se artifícios elementares para negação a esta população de espaço no mercado capitalista, que cada vez se torna mais exigente e seletivo.

Dentre os cinco assassinatos das travestis, apenas um caso a matéria noticiou a vítima não ser profissional do sexo, o que apontam a confirmação dos elementos apresentados acima que retratam este quadro de desigualdade a qual sofrem esse segmento. A travesti e cozinheira

identificada pelo nome Valdir da Mota Conceição, 47 anos, foi encontrada morta em sua casa no dia 15 de outubro de 2012. Este é o único caso, a qual se faz referência de uma ocupação profissional que não seja de prostituição, além de atributos positivos na sua conduta, descrito pelo vizinho. “Ele conhecia todo mundo aqui na rua, era educado, cumprimentava a todos” (a Crítica). Apesar de ser uma travesti assumida e estimada por vizinhos e familiares, isto não a livrou de mais um brutal crime a pessoas não heterossexuais.

Este é um dos estigmas o qual carregam as travestis, outro é identificado pelo vizinho que relatou o seguinte trecho: “*Valdir era homossexual, mas que não era usuário de droga*” (A Crítica). Ao enunciar tal afirmativa fica evidente a consciência social preconceituosa que se construiu acerca das travestis, que por se apresentarem enquanto tal são vistas como fora de uma moralidade “correta e única” e que necessariamente devem ser postas à marginalidade.

Esse caráter moralizador é ratificado na fala ainda de um vizinho que enfatiza: “*a vítima levava muitas pessoas à casa, mas nem sempre eram as mesmas que frequentavam o local. Era difícil você saber quem eram as pessoas, ele estava sempre mudando de companhias*”, [...]. Parece sugerir um comportamento da vida pregressa da vítima, como sendo inapropriada, “moralmente” repudiada, que foge dos “bons costumes” de uma rotina e relações reconhecidas perante a sociedade de “princípios” norteadores da vida social, tais como relacionamento conjugal monogâmico duradouro dentro dos padrões heterossexuais.

Esses indicadores configuram argumentos em que as formações discursivas se movem, são meios pelo qual é possível se inscrever em um enunciado, como evidenciado por Fisher (2012),

[...]nossos atos ilocutórios – atos enunciativos, atos de fala-, podemos dizer que eles se inscrevem no interior de algumas formações discursivas e de acordo com certo regime de verdade, o que significa que estamos sempre obedecendo a um conjunto de regras, dadas historicamente e afirmando verdades de um tempo.

Nos próximos enunciados verificaremos de maneira que se articulam as relações de hierarquia sexual e os aspectos de exclusão que se constituem a homofobia e como as relações de saber e poder apontam isso ou não.

Matou seu próprio irmão.

Discussão por um pedaço de pão teria iniciado a briga na qual adolescente de 17 anos golpeou e acabou matando familiar. [...] o estudante Gerson Soeiro de Carvalho, 19, com pelo menos uma facada no estômago durante discussão ocorrida dentro da residência da família[...] Segundos vizinhos a família era muito religiosa e não aceitava a opção sexual de Gerson que era



homossexual assumido. Por este motivo, ele vivia afastado da família e, quando se reunia sempre ocorriam brigas entre os irmãos mais velhos.[...] Os vizinhos não acreditam que a irmã teve a intenção de matar. “Foi um acidente, com certeza. Por mais que eles vivessem brigando, acho que ela não queria matar o irmão, não”( A Crítica, 06/04/2012)

No enunciado acima o que se percebe é que a homofobia se manifesta nas diferentes esferas da vida social, dentre elas a família, o primeiro espaço de sociabilidade do indivíduo, também é o primeiro que deixa suas marcas físicas e simbólicas nesse caso de uma homofobia que ultrapassa os laços afetivos e consanguíneos. Na matéria produzida se deixa claro em primeira sugestão a motivação do conflito da família em relação ao estudante, que ao se reconhecer “homossexual” é renegado por sua família, sustentada por valores tradicionais religiosos, intolerantes á orientação sexual do jovem.

Estas tensões que se materializam em conflitos, exclusão, por vezes, chegam ao extremo do homicídio, que foi o caso de Gerson. A matéria apresenta alguns indícios da homofobia familiar, seja pelos valores religiosos já apontados ou ainda, pelos padrões heterossexista reproduzidos no seio familiar. De acordo com a matéria os vizinhos afirmaram que “*a família era muito religiosa e não aceitava a ‘opção sexual’ de Gerson que era homossexual assumido, por este motivo, ele vivia afastado da família e, quando se reunia sempre ocorriam brigas entre os irmãos mais velhos*”.( A Crítica, 2012). Que após uma discussão, segundo informações de vizinhos, iniciada por conta de um pedaço de pão, Gerson foi atingido com uma facada no abdômen, por sua irmã uma adolescente de 17 anos que teria tentado separar a briga de Gerson com outro irmão.

Na produção do enunciado, ora exposto, se reconhece duas posições sugestivas para as reais motivações do homicídio. Um seria o enunciado da matéria em que se diz: “*discussão por um pedaço de pão teria iniciado a briga na qual a adolescente de 17 anos, golpeou e acabou matando familiar*”. Outra em contrapartida é apontada também como fator responsável por desencadear tal trama, descrito na maneira da seguinte forma: “*a família era muito religiosa e não aceitava a ‘opção sexual’ de Gerson que era homossexual assumido*” o que se mostra como importante demarcador que revela a discriminação nas relações intrafamiliares perpetradas por “valores religiosos” que não impõe limites a sua coerção.

Materializam um padrão normativo (heterossexual) das relações afetivo-sexuais, que se sustentam a partir de ensinamentos religiosos, e que extrapolam os liames da liberdade do outro como direito universal. Até mesmo, defrontam um principio filosófico defendido por religiões como o cristianismo que é o livre arbítrio, como condição humana, as pessoas traçarem suas escolhas e direcionar suas vontades da maneira que os lhe satisfaz.

Todavia, visualizamos como é outorgado tais ‘direitos’ quão é assustador, desigual e preconceituoso os limites relacionais em nossa sociedade, uma vez que esta é marcada por um processo de hierarquia sexual, onde a dimensão da diversidade humana se restringe as normas de um grupo heterossexual. Que se mantém hegemonicamente, ao passo que para estabelecer ou reafirmar sua legitimidade, necessita tornar aquelas não heterossexuais inferiores.

São diversos os mecanismos de classificação, inferiorização, hierarquização, discriminação das sexualidades dissidentes. Estes se articulam em redes, como forma de instaurar todo tipo de negação dessas sexualidades, seja pelo discurso ideológico, pela violência ou exclusão, sendo,

Enquanto violência global caracterizada pela supervalorização de uns e pelo menosprezo de outros, a homofobia baseia-se na mesma lógica utilizada por outras formas de inferiorização: tratando-se da ideologia racista, classista ou antisemita, o objetivo perseguido consiste sempre em desumanizar o outro, em torna-lo inexoravelmente diferente(BORRILLO, 2010,p.35).

Nessa arena discursiva, vozes insurgem, acrescentam, se contrapõem, negam e reiteram o está sendo dito no caso sobre a notícia que tem a pretensão de descrever o homicídio e mais que isso propor uma verdade. Isso só é possível se perscrutar na superfície dos acontecimentos o que se fala sobre este. No tópico final da matéria encontra-se o seguinte enunciado: “segundo os vizinhos não acreditam que a irmã teve a intenção de matar. ‘Foi um acidente, com certeza. Por mais que eles vivessem brigando, acho que ela não queria matar o irmão”.

Mesmo que se reconheçam pelos próprios vizinhos que era constante as brigas entre os irmãos por conta de Gerson “ser homossexual”, e que ele era posto a margem da família, ainda assim tenta-se buscar nos laços consanguíneos a justificativa para não intencionalidade do homicídio por parte da irmã. O que sugere a tentativa de não reconhecer a verdadeira motivação que poderia ser advinha da orientação sexual da vitima.

Outro dispositivo que engendram os corpos partir de uma padronização da vida social, afetiva e sexual são as definições de moralidade da conduta. Os enunciados que propomos nos ater se configuram em torno de discursos moralizantes que se agrupam objetivando em reiterar um modelo heterormativo o que implica desconsiderar outros possíveis. No primeiro caso optou-se por fazer os recortes das duas fontes hemerograficas uma vez ambas noticiaram o acontecimento com elementos diferenciados, segue os enunciados:

Homem morto em casa

O funcionário público municipal Raione Batalha, 40, foi assassinado com uma facada no abdômen na madrugada de ontem. [...]há suspeita de que o crime tenha sido passional.

Segundo a polícia que não descarta a possibilidade de latrocínio [...] a vítima era homossexual, [...]Eles encontraram a casa toda revirada e a vítima morta ao lado da cama com as mãos amarradas atrás do corpo.(Portald24am, 07/05/2012).

Homem é assassinado dentro da própria casa com uma facada

A faca utilizada no crime foi encontrada dentro de uma privada, enrolada em um guardanapo.

[...] foi assassinado com uma facada no abdômen na madrugada de hoje, dentro da própria casa [...]. A principal suspeita, segundo a Polícia Civil (P.), é uma vizinha identificada como Maria Aparecida, que estaria devendo mil reais à vítima.[...]eles encontraram Raiony morto, com os braços amarrados e de bruços.[...]Um vizinho, [...] disse que o funcionário público costumava fazer muitas festas na casa onde morava. “Era comum ele trazer os amigos pra ficarem bebendo e usando drogas. Ele era homossexual, mas não tinha um namorado fixo”, contou.[...] ( A Crítica, 07/05/2012).

Homem é degolado na Zona Leste de Manaus

Valmir Antônio Antão foi morto dentro da casa em que morava (Luiz Vasconcelos) [...] foi encontrado degolado na manhã deste sábado (17) na casa dele. [...]Os vizinhos afirmaram que ele era homossexual e que era comum Valmir ter convidados em casa..( A Critica, 09/10/2012).

Nos três casos citados acima em que se optou por apresentar as fontes, considerando a divergência de informações no primeiro caso, verificou-se inicialmente que a matéria desdobra-se em uma descrição técnica do homicídio. Todavia como foi demonstrado em outros casos, elas não hesitam em dar ênfase quanto a orientação sexual o que demonstra como orientação sexual (não hetero) é tomada enquanto dispositivo de “identidade do sujeito”. Contudo, o enfoque de análise aqui se sustentará sobre as falas do (s) vizinho (s) que são elucidadas no corpo da matéria, na tentativa de analisar as formações discursivas presentes nesses enunciados que em sua constância tem algo a dizer.

No primeiro caso, identifica-se na matéria produzida pela fonte *Portal d24am*( data) um trecho da fala de um suposto vizinho da vítima o qual diz o seguinte: “[...] o funcionário publico costumava fazer muitas festas na casa onde morava. Era comum ele trazer os amigos pra ficarem bebendo e usando drogas. “Ele era homossexual, mas não tinha um namorado fixo”. Diferente da primeira fonte (A Crítica) que faz referencia somente sobre sua orientação sexual sem incorporar comentários a respeito. No segundo caso sendo o mesmo personagem (vizinho), porém identificado no plural, descrevem uma possível “rotina da vitima”, visualizado sob o seguinte enunciado: “*os vizinhos afirmaram que ele era homossexual e que era comum Valmir ter convidados em casa*”.

Nos dois casos percebe-se que os personagens selecionados para tecerem comentários sobre as vítimas são seus supostos vizinhos. Além disso, o discurso nos dois casos nos remete

a uma descrição estereotipada da vida pregressa da vítima, pelo fato de ser um não heterossexual e, além disso, como sua conduta se exercia. É evidente que ao produzir tal matéria o processo de construção das informações perpassa por uma seleção daquilo se entende enquanto relevante o que conseqüentemente acabam por forjar verdades.

Não é casual acentuar tal descrição da vítima, à medida que se compreende que o outro é construído a partir de determinado ponto de referência, o “eu” e que determina como o “outro é”. Contudo é importante frisar que esta construção da personalidade, do caráter e da conduta do “outro”, não é resultado de uma individualidade, mais de um processo social, que constroem tais identidades sociais, sejam elas positivas ou negativas. Pois, como evidencia Prado & Machado (2012, p. 17),

[...] estar em alguma(s) posição(ões) identitária(s), sendo ela homossexual ou não, significa muito mais do que ter uma prática de parceria sexual com alguém do mesmo sexo, ou mesmo construir um papel sexual, pois esta localização social enseja vários outros aspectos da vida pública, articulando uma infinidade de possibilidades de identificação nos âmbitos públicos e privados.

Os discursos sobre a personalidade, identidades sociais, valores morais e o caráter tem enquanto dispositivos aqui verificados a sexualidade. Neste processo de construção social, emergem os discursos de “naturalidade e normalidade” que correspondem à negação das sexualidades desviantes, caracterizadas enquanto imorais, criminosas e anormais. Nesse sentido, as sociedades vão se formando sobre uma categorização das práticas sexuais, onde o estabelecimento de determinados parâmetros norteiam as regularidades do sexo. Contudo, para além de uma simples separação do modelo ideal de sexualidade, objetiva-se demarcar o lugar em que determinadas sexualidades dissidentes estão localizadas, pondo-as assim, em um grau de hierarquia inferior.

Sendo assim, não basta apenas defini-los é preciso a reiteração de sua posição na sociedade, ao equipara-la ao padrão já existente. Este padrão que se constrói socialmente, a partir de concepções judaico-cristãs, de uma moral burguesa. Pois o domínio que se estabelece, segundo Foucault (1976, p.114) “nas relações de poder a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados de maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, podendo servir de ponto de apoio e de articulação as mais variadas estratégias”.

É desse modo que as sociedades vão se organizando, sobre o comando de “verdades” que emergem de diferentes instituições. Verdades que são produzidas e reproduzidas nos espaços de relações sociais, que se materializam a partir de uma prática discursiva que pode ser inteiramente violenta.

As sexualidades dissidentes, apesar de passarem por um doloroso processo de resistência e atualmente assumirem uma posição de mais visibilidade se comparado às outras épocas. Ainda confrontam com os limites engessados quanto sua liberdade de vivenciar suas práticas afetivas e sexuais, valores, religiosidade e posições políticas, as quais são restringidas por determinados discursos hegemônicos e suas moralidades. Este discurso entendido segundo Prado & Machado (2012, p.13), por um discurso “capaz de criar formas e práticas de consentimentos, de modo a transformar uma experiência particular (neste caso, a experiência heterossexual burguesa) em pretensamente universal, inferiorizando ou invisibilizando quaisquer outras possibilidades de experiência social”.

Prado & Machado (2012, p.26), esclarecem que a homossexualidade encontra no mundo público contemporâneo alguns impasses, já que, “para aparecer no mundo publico como uma posição sexual com direitos iguais necessita desconstruir uma rede de significações, definidas por um padrão dominante de sujeitos que historicamente estiveram a elas associadas”.

Sempre tomados enquanto “subcidadãos”, não possuem consensualmente os mesmos direitos sociais que os heterossexuais. Sendo este sempre estigmatizado em suas vivencias sexuais e sociais, pois trazem no bojo histórico de sua sexualidade, um caráter marginalizado. Para melhor compreendermos este processo estigmatizante na própria conduta sexual dos homossexuais, recorreremos ao conceito de estigma apresentado por Michel Misse (2007, p. 35), em que,

O estigma implica nem tanto em um conjunto de indivíduos concretos separáveis em dois grupos, estigmatizados e normais, mas como o penetrante processo social de condutas ou papeis (roles), ao menos em certo contexto e em algumas fases da vida onde cada individuo pode participar de ambos. O normal e os estigmatizados não são pessoas mais sim perspectivas.

Compreender porque atualmente, mesmo diante da visibilidade pública dos não heterossexuais em busca de reconhecimento quanto a sua vida social e sexual, ainda existem paradigmas que os colocam em patamar de desigualdade, torna-se tão necessário. Pois quando nos deparamos com determinados discursos moralizantes e estigmatizantes que constroem personagens a partir de estereótipos, que tentam desqualificar sua vida pregressa, percebe-se necessidade de tal reflexão.

O próximo caso verificado refere-se às vitimas pai de santo e como tais casos forma enunciados, quais as relações que poder que se constituem nos enunciados e como os discursos reforçam relações de dominação e invisibilidade a intolerância religiosa.

Pai de santo é assassinado a terçadadas e corpo é encontrado na fossa de sua casa.

Polícia suspeita de quatro rapazes que foram vistos com ele na noite de sábado mais um quinto foi apontado pelo irmão.

Em um crime brutal, o auxiliar de cozinha e pai de santo Marcelo Santos Aguiar, 44 anos foi executado [...].

O crime aconteceu na casa onde ele vivia há nove anos,[...] local onde também funcionava um terreiro de umbanda. O irmão da vítima, contou que Marcelo tinha um companheiro e deixou um filho de quatro anos (A Crítica, 01 de Maio de 2011).

Pai de santo é achado morto dentro de casa.

O pai de santo e babalorixá João Gomes da Silva Neto 48, foi encontrado morto com sinais de espancamento, dentro de casa[...]. O amigo da vítima disse que o corpo de João estava despido e com a cabeça esmagada, provavelmente por uma pedra [...] (A Crítica, 30/06 2011).

Os enunciados aqui trazidos reportam a notícia do homicídio das vítimas Marcelo dos S. Aguiar e João Gomes, identificados no título da matéria como “Pai de santo”. No primeiro caso, no entanto, acrescenta-se a ocupação profissional de Marcelo Santos, enquanto “cozinheiro”, assim, como no segundo caso, além de pai de santo a vítima seria babalorixá.

É elucidada a arte do crime como artifício de impactar o leitor, quando se faz referência ao tipo de morte das duas vítimas sendo a primeira: “[...] *assassinado a terçadadase corpo é encontrado na fossa de sua casa*”, e a segunda “*corpo [...] despido e com a cabeça esmagada, provavelmente por uma pedra*”.

São duas formas descritivas que tentam demonstrar a barbárie a qual foram submetidos às referidas vítimas o que é relevante na problematização do nível de ódio que perpassou tal crime. Contudo, aqui se objetiva analisar para além do que é visível neste enunciado, de que maneira se construiu o “objeto” de que se fala dentro de relações ainda mais amplas que nos permitam compreender dimensões que por vezes são ocultadas.

Nas matérias apresentadas, apesar de identificados os possíveis autores do crime( neste caso no primeiro homicídio) não se questiona em momento algum nos enunciados uma possível motivação. Em contrapartida, podemos nos questionar porque a ênfase em afirmar que as vítimas eram pai de santo?. Além disso, o destaca-se no caso de Marcelo dos Santos “O crime aconteceu na casa onde ele vivia há nove anos [...] *onde também funcionava o terreiro de macumba*”.

Nesse sentido, é possível analisar que a pertinência em identifica-los enquanto “Pai de santo”, não está meramente no intento de uma valorização de sua religiosidade, mais enquanto possível localizador da identidade que carregava tais vítimas. O olhar que ainda se tem sobre a religião afro-descendente, que ainda se localiza em uma subalternidade, por conta de seus conjuntos que orientam tais crenças que se confrontam diretamente com a fé cristã.

[...] nas religiões afro-brasileiras, há a quebra das noções de sagrado e profano (o céu e a terra), tão bem definidas no cristianismo, e essa quebra pode ser pensada em paralelo com as questões de gênero e sexualidades, pois, dessa forma, nas religiões afro-brasileiras, também são quebrados estereótipos de masculino e feminino, bem como de sexualidades ‘normais’ e ‘desviantes’ (através, por exemplo, da Pombagira que representa uma prostituta; e de Iansã – que, mesmo tendo nove filhos, não se restringe ao lar). (FERNANDES, F. B. M., 2013).

Dessa maneira, levando em conta esses fatores, localizamos que o elemento da não heterossexualidade mais uma vez está presente no contexto social das vítimas. Apesar de não haver uma afirmação quanto a identidade de gênero ou orientação sexual de Marcelo dos Santos, o irmão da vítima afirma que ele teria um companheiro e um filho de 4 anos. O que ocorre de forma diferente na matéria sobre o caso do Pai de santo e babalorixá João Gomes, que não é possível visualizar na matéria um apontamento quanto sua identidade de gênero ou orientação sexual.

Todavia, apesar de não haver uma lei que descreva o que caracteriza um homicídio por motivação homofóbica, estudiosos e militantes na área, especialmente por meio do GGB, a partir de suas inúmeras pesquisas apontam para alguns elementos que podem ajudar a compreendê-los como tal modalidade. Como sendo, a forma em que a vítima é encontrada, o modus operandi do crime, o lugar etc..

Dessa forma, eles se contrapõem ao discurso midiático e policial que tendem a classificar certos homicídios a pessoas não heterossexuais, simplesmente como latrocínio, sendo a morte um meio para alcançar o fim, que seria o roubo. Contudo, Mott (2002), ao discordar desta tese afirmar que o Latrocínio contra homossexuais, sobretudo quando perpetrados dentro do imóvel da vítima, no mais das vezes devem ser considerados crimes homofóbicos, pois a vulnerabilidade social e fragilidade andrógina de muitos gays, sobretudo quando mais velhos, faz destes indivíduos presas fáceis e tentadoras de rapazes de programa ou homens mal intencionados.

Ou seja, quando analisamos esses enunciados que acima foram expostos, não se trata de prendermos ao aparente de um dado acontecimento, mas verificar as articulações de construção desses enunciados, e percebe-los enquanto práticas discursivas constituídas por relações de poder.

#### **4.3 O PERFIL DAS VITIMAS A PARTIR DAS FONTES HEMEROGRAFICAS**

Tais regimes de verdade em torno do sexo e da sexualidade dos sujeitos longe de permanecerem em um capítulo distante e de pouco alcance da história, ainda se materializa hodiernamente a partir de estratégias sutis e contundentes como forma de rechaço à diversidade afetivo sexual, dentre elas a insistência da classificação do sexo biológico evidenciado no conjunto dos dados hemerográfico demonstrou que dentre os 23 casos analisados, foram definidos 92%, sendo este 88% considerado sexo masculino e apenas 4% sexo feminino. Como é ilustrado no gráfico abaixo:

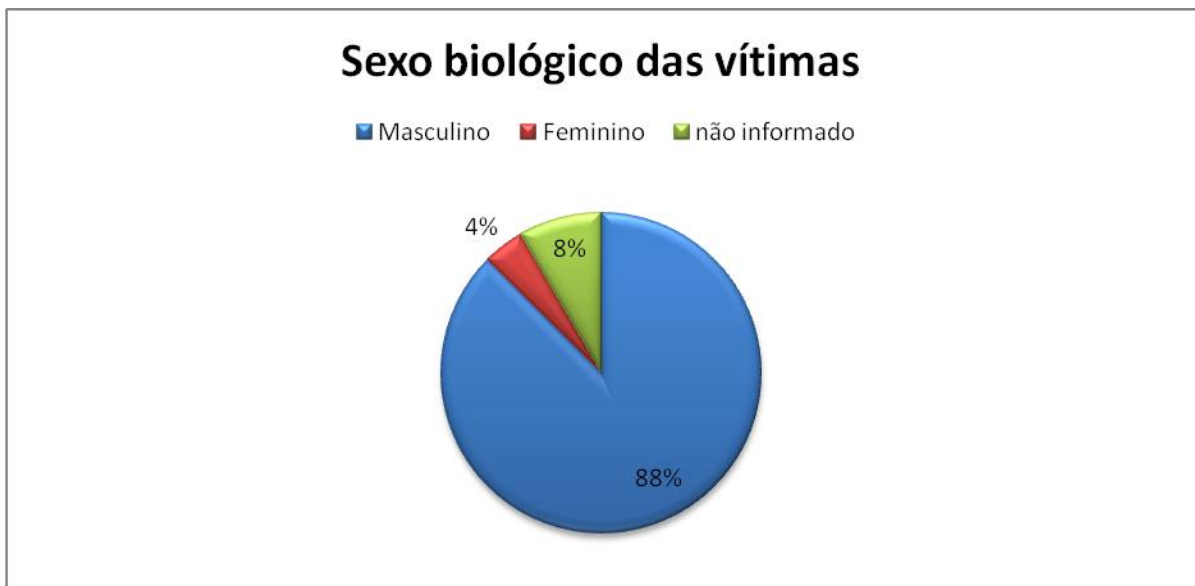


Gráfico 1 – Sexo biológico das vítimas.  
FONTE: Dados hemerográficos.

Quanto às outras definições 5 homicídios foram classificados tendo por vítima travesti e apenas 1 caso teve por vítima a lésbica. O restante dos homicídios (4 casos) as vítimas não foram identificadas pelos jornais em termos de identidade afetivo-sexual.





Gráfico 4 – Identificação quanto à sexualidade.  
FONTE: Dados hemerográficos.



Gráfico 6 – Ocupação profissional da vítima.  
FONTE: Dados hemerográficos.

Quanto à ocupação profissional os dados hemerográficos evidenciaram uma gama de ocupações, como pode ser visualizado pelo gráfico acima, destacamos a porcentagem de 16% (4 casos) correspondendo à ocupação de profissionais do sexo, neste número está incluso as 4 travestis que enquanto faziam programas sexuais foram, dentre as 5 travestis assassinadas apenas 1 não era profissional do sexo e sim cozinheira.



Gráfico 7 – Faixa etária das vítimas.  
FONTE: Dados hemerográficos.

O gráfico acima constata que entre o triênio 2010-2012 as vítimas mortas em sua maioria está na faixa etária de 15 à 29 ou entre 40 a 49 anos de idade, tendo cada intervalo etário o número absoluto de 9 homicídios. Ressalta-se o elevado número de adolescentes e jovens e de adultos acima de 40 anos.

Em termos de relação vítima-homicida, 57% (13 casos) não conheceram seus algozes, dentre esses casos estão as travestis e seus clientes e os gays em relação ao michês (7 casos) são conhecidos, sendo estes ex-namorados, irmã e vizinha, como pode ser visualizado no gráfico abaixo:

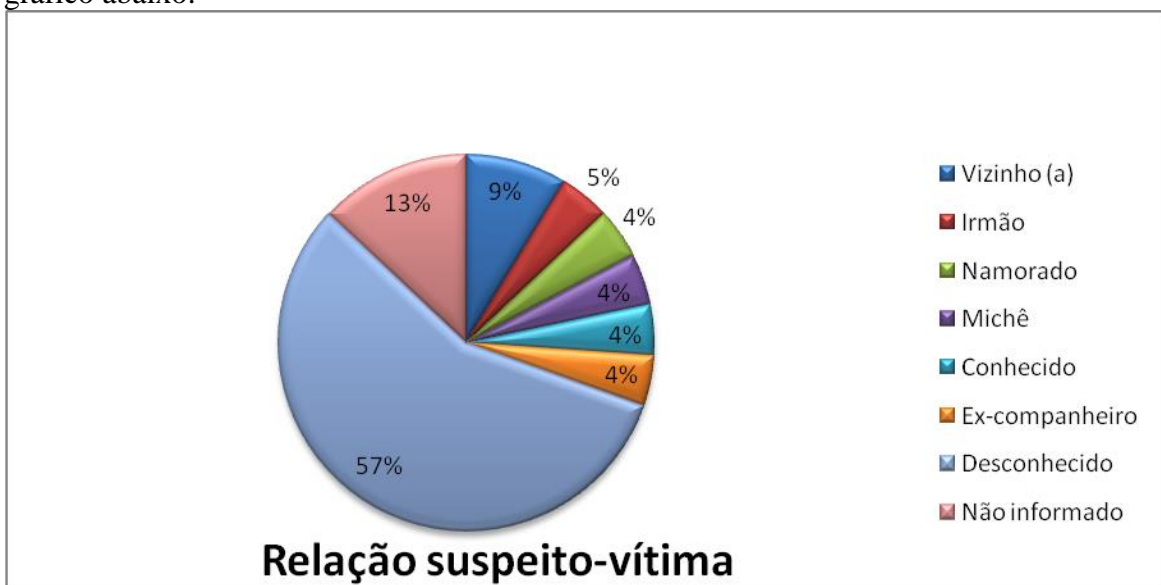


Gráfico 8 – Relação suspeito-vítima. FONTE: Dados hemerográficos.

Estes foram alguns elementos complementares dos objetivos da pesquisa que procuram dar uma visão em termos quantitativos da realidade de violência às pessoas não heterossexuais no Amazonas. Importante frisar que a análise desses elementos acerca do crime em si, não são

foco desta pesquisa uma vez que as fontes utilizadas não são suficientes para abarcar uma empreitada nessa direção. Todavia, é de significância o recorte a esses dados a medida que nos permite visualizarmos em termos descritivos como é perpetrados esses homicídios a esta população e como suas características são importantes para lançarmos um novo olhar sobre eles.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs o desafio de analisar os discursos sobre os homicídios com suspeita de motivação homofóbica no Amazonas veiculados em matérias jornalísticas, nos estimulando a busca de novas compreensões que ultrapassem as “verdades” que se erguem sobre os crimes as pessoas não heterossexuais. Evidenciamos um numero crescente de homicídios de 2010 á 2012, totalizando cerca 23 homicídios, como resultado ao primeiro objetivo proposto e que apontam em seu *modus operandi* uma marca típica do ódio que constituem tais atos violentos a este segmento da sociedade brasileira. E também ainda como resultando apresentamos, um quadro de violência que se articula de atos físicos e simbólicos, que reiteram estigmas, preconceitos e discriminações que se difundem nos discursos que são construídos em torno das sexualidades não sacralizadas.

Assim em diferentes épocas os discursos sobre as pessoas não heterossexuais encontram um campo discursivo que me permitem pronunciar “verdades” e que estas se tornam dispositivos de saber-poder. É assim, que através dos discursos midiáticos que estas verdades foram e são enunciadas cotidianamente quando sua funcionalidade se volta na manutenção de um padrão heteronormativo. Fato evidenciado na análise dos homicídios identificados na pesquisa, o qual contemplou o segundo objetivo, o que denota um tratamento específico às vitimas não heterossexuais, e ainda formam diferenciações que perpassam o interior deste segmento quando se consideram status social, seja pelo poder econômico, profissional e outros.

É de certo que mesmo não havendo elementos legais, específicos no Brasil que caracterizem um crime enquanto homofóbico é possível visualizar através do tratamento que é dado a tais homicídios o quanto estes tem a falar. Como por exemplo, pelo perfil das vitimas também apresentado como resposta aos objetivos deste trabalho, que se diferencia, pois localizam “personagens” que vivenciam a privação de direitos inerentes aos cidadãos (ãs) e a

violência de todas as formas. Além disso, como as interpretações desses crimes tendem a forjar opiniões sejam de repúdio ou de naturalização dessa modalidade de violência. Uma vez que as vítimas são identificadas enquanto responsáveis de sua própria morte, por terem “escolhido” vivenciar tal “desejo” afetivo-sexual, ou identidade de gênero que vão de encontro aos modelos pré-estabelecidos.

É em consonância com os resultados deste trabalho que ressaltamos a importância do aprofundamento de debates em torno de políticas públicas e legislações que promovam a segurança e a garantia dos direitos básicos inerentes a este segmento subalternizado desta sociedade. Reconhecendo os diferentes acordos internacionais que prezam pela vida humana, sem fazer distinção de qualquer gênero, reconhecendo que todos são iguais perante lei, mesmo sendo diferentes em suas constituições na sociedade.

Nesse sentido, reconhecemos a relevância de se investir em pesquisas que aprofundem cada vez mais a questão das diferentes formas de preconceito e discriminação por orientação sexual ou identidade de gênero difundido através dos meios de informação de formas escancaradas e sutis. Pesquisas que continuem apontar para emergência de combate a todo tipo de violência seja ela qual for a modalidade, as motivações, as vítimas e que possam servir de instrumentos a estratégias de enfrentamento e promoção a tolerância, em prol da vida.

## 5. REFERÊNCIAS

- BORILLO, Daniel. Homofobia História e crítica de um preconceito; [tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira]. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. - ( Ensaio Geral, 1).
- BRASIL, Relatório sobre violência Homofóbica no Brasil: ano de 2011. Brasília, 2012.
- BRASIL, Relatório sobre violência Homofóbica no Brasil: ano de 2012. Brasília, 2013.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CASTELLS, Manuel. O poder da identidade; tradução de Klaus Brandini Gerhardt. ( A era da informação: economia, sociedade e cultura; v2) São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- COLETO. H.L. Cidades gays ou a homossexualidade urbana. Disponível em ><http://queerandpoliticis.wordpress.com/2011/08/13/cidades-gay-ou-a-homossexualidade-urbana>, acesso 25 de out 2012.

- DEBERT, Guita. A reinvenção da Velhice: socialização e processo de privatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- ERIBON, Didier. Reflexões sobre questão gay; trad. Procópio Abreu. RJ: Companhia de Freud, 2008.
- FERLA, Luís. Feios, sujos e malvados: a utopia do biodeterminismo, São Paulo (1920-1945). São Paulo: Alameda, 2009.
- FERNANDEZ, Osvaldo. Igualdade na Diversidade: a luta pelo reconhecimento dos homossexuais no Brasil. In: Revista Espaço Acadêmico nº 123 - Mensal - Agosto de 2011– Dossiê: homofobia, sexualidade e direito. p.17-26.
- FISHER, Rosa Maria Bueno. Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica Editora; 2012 ( Coleção estudos Foucaultianos, 9).
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª Ed. 12ª reimpressão. São Paulo: Atlas, 2009.
- GGB, Grupo Gay da Bahia. Relatório Anual de Assassinatos a Homossexuais (LGBT): o ano de 2010. Salvador, 2011.
- GGB, Grupo Gay da Bahia. Relatório Anual de Assassinatos a Homossexuais (LGBT): o ano de 2011. Salvador, 2012.
- GGB, Grupo Gay da Bahia. Relatório Anual de Assassinatos a Homossexuais (LGBT): o ano de 2011. Salvador, 2013.
- HEILBORN, Maria Luiza (Org). Sexualidade: um olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 1999.
- MAINGUENEAU, Dominique. Novas tendências em análise do discurso. Campinas: Pontes; Unicamp, 1993.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 27ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MARTINS, Marco Antônio Matos; FERNANDEZ, Osvaldo; NASCIMENTO, Érico Silva do. Acerca da Violência Contra LGBT no Brasil: entre reflexos e tendências. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, diversidade, deslocamento. UFSC/2010.
- PAIVA, Crístian. Corpos/seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. In: Revista Bagoas. Nº. 04. CCHL:UFRN, 2009.

PRADO, Marco Aurélio Maximo. Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade/ Marco Aurélio Maximo Prado, Frederico Viana Machado. 2.ed. São Paulo: Cortez,2012. –( Coleção preconceitos).